



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO  
BÁSICA – PARFOR  
CURSO: GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA  
ANA KELINE DA SILVA GONZAGA AGUIAR**

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO:**

**EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE  
REFLEXÕES DAS LUTAS E CONQUISTAS DE UMA EDUCADORA DE ANAPU**

ANAPU-PA

2023

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO  
BÁSICA – PARFOR  
CURSO: GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

**ANA KELINE DA SILVA GONZAGA AGUIAR**

**EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE:  
REFLEXÕES DAS LUTAS E CONQUISTAS DE UMA EDUCADORA DE ANAPU**

**ANAPU/PA  
2023**

**ANA KELINE DA SILVA GONZAGA AGUIAR**

**EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE:  
REFLEXÕES DAS LUTAS E CONQUISTAS DE UMA EDUCADORA DE ANAPU**

Trabalho de Conclusão de Curso – Memorial de Formação apresentado ao curso de Pedagogia da UFPA - Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia. Professora Orientadora: Me. Dienne Marly de Souza Pontes.

**EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE:  
REFLEXÕES DAS LUTAS E CONQUISTAS DE UMA EDUCADORA DE ANAPU**

Trabalho de Conclusão de Curso – Memorial de Formação apresentado ao curso de Pedagogia da UFPA - Universidade do Estado do Pará como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Avaliado em: 26 /01 / 2023

Conceito: EXCELENTE

**Banca Examinadora:**

---

Orientadora

Prof<sup>a</sup> Me. Dienne Marly de Souza Pontes

---

Examinador

Prof. Dr. André Ribeiro de Santana

---

Examinadora

Prof<sup>a</sup>. Thereza Bussoli

## AGRADECIMENTOS

Direciono minha mais sincera gratidão primeiramente a Deus, o Criador e Provedor da vida e todas as dádivas, por ter me proporcionando a oportunidade de concluir mais esta etapa em minha vida.

Quero agradecer carinhosamente à minha família pela compreensão, o apoio e ainda a capacidade de me dar forças mesmo quando eu me ausentei ou por vezes deixei a desejar em quaisquer das minhas funções de rainha do lar, seja como mãe, e/ou esposa. Obrigada, meu filho e minhas filhas! Obrigada, meu marido!

O meu agradecimento afetuoso aos meus colegas, amigos e amigas que suportaram as circunstâncias durante essa jornada cheia de altos e baixos que a vida nos ofereceu no decorrer deste curso. Foi uma verdadeira saga!

Estendo esse agradecimento com sincera gratidão aos nossos professores e professoras, mestres e doutores e doutoras, especialmente àqueles e aquelas mais humildes, que, no compartilhar de suas experiências promoveram a multiplicação de saberes e conhecimento. Obrigada a todos e todas.

Não poderia, nem deveria deixar de demonstrar minha terna gratidão, ao nosso colega e coordenador do curso no Pólo de Anapu, Juscelino Silva Brito, por sua sempre tão prestimosa eficiência, preocupação e disponibilidade em nos atender quando solicitado nas questões referentes ao curso e acadêmicos. Obrigada, Luciano! (apelido de como o conhecemos).

Obrigada também, à minha Orientadora, Dienne Pontes, pela paciência e solidariedade na construção desta que produção acadêmica tão fundamental para a conclusão do curso, assim como para a minha edificação e reflexão pessoal e profissional.

Por fim, dirijo meus agradecimentos mais expressivos a esta renomada e merecidamente reconhecida instituição de ensino superior – Universidade Federal do Pará / UFPA, pela oportunidade e honra de fazer parte de seu legado, dando-me a oportunidade e bagagem científica de refletir, analisar e multiplicar o conhecimento obtido ao longo dessa permanência acadêmica e no decorrer da minha jornada profissional. Meu muito obrigada!

## **DEDICATÓRIA**

À Deus toda honra e toda glória! Eternamente. Com a Sua permissão, quero dedicar a produção e conclusão deste trabalho acadêmico inteiramente à minha família.

Dedico este Memorial em forma de homenagem póstuma aos meus pais: seu Zé Antonio, um homem carinhoso que sempre me permitiu sonhar (que saudade!) e dona Francisca, meu exemplo de mulher vigorosa que nunca abandonou os filhos e sempre lutou por nossos direitos, especialmente sobre o acesso à Educação.

Dedico-o ainda e especialmente, aos meus filhos a quem amo incondicionalmente: Carla Cristina, Ana Heloísa e João Pedro, desejando que, embora vocês escolham caminhos e áreas diferentes em suas vidas, possam espelhar-se no meu exemplo, o legado mais importante que considero deixar.

“Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor.” PAULO FREIRE.

## RESUMO

A produção do presente Memorial se constitui o relato de vida e experiências vivenciadas por esta pessoa que o escreve. Tem como objetivo geral relatar, observar, analisar e avaliar a postura e prática pedagógica da mesma enquanto sujeito profissional inserida no campo da educação. O relato que se segue traz a proposta de realizar uma trajetória sincrônica na vida da sua autora e anacrônica no sentido de realizar uma análise em paralelo com os discursos teóricos dos autores como John Dewey, Salomão Hage e Paulo Freire, humildemente escolhidos para referenciar esta produção. A escolha do tema deste Memorial **“Educação como prática de liberdade: Reflexões de uma educadora de Anapu”** está dividido em três capítulos que se propõem desenvolver o relato da jornada escolar de sua autora, discutir a prática profissional como professora e auto avaliar as transformações da mesma no decorrer da jornada acadêmica em busca de, não apenas um título acadêmico em Pedagogia, mas também do despertar profissional mais humano, sensível em perceber, respeitar e agir diante da dificuldade alheia e suas próprias, caráter este alcançado ou despertado durante esta rica experiência vivida na turma do PARFOR/2018.

**Palavras-chave:** Educação/Parfor. Experiência. Reflexão.

## LISTA DE IMAGENS E FIGURAS

Figura 01: Visão aérea de Vila Pimenteiras / Coelho Neto – MA.....	13
Figura 02: Modelo de atividade para caligrafia.....	19
Figura 03: Cartilha e Tabuada.....	21
Figura 04: Organização da sala de aula na década de 80.....	22
Figura 05: Vista frontal da E. M. R. S. em Coelho Neto – MA.....	23
Figura 06: Brasão da E. M.R.S.....	24
Figura 07: Tênis escolar exigido aos alunos – Conga.....	26
Figura 08: Modelo das Atividades pontilhadas.....	44

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I - A BASE DE TUDO.....	13
1.1 APRESENTAÇÃO DA VIDA FAMILIAR.....	13
2.1 ENTRADA PARA A ESCOLA.....	19
2.2 ENSINO FUNDAMENTAL.....	234
2.3 ENSINO MÉDIO.....	38
CAPÍTULO III - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.....	40
3.1 INICIANDO A VIDA PROFISSIONAL.....	40
CAPÍTULO IV - O PARFOR GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA.....	49
4.1 EM BUSCA DE MAIS CONHECIMENTOS.....	50
4.2 PEDAGOGIA - O DESPERTAR DE SENSIBILIDADES.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56



## INTRODUÇÃO

As práticas pedagógicas dos profissionais em educação de modo geral, segundo algumas observações realizadas pela autora deste texto, foram alvos das experiências de/com trabalhadores que mais sofreram processos de modificação e aperfeiçoamento em busca de melhorias que vão desde a sua necessidade de democratização até a tão sonhada busca da qualidade de ensino, ao longo da história da educação.

O contexto histórico da Educação nos apresenta um palco recheado das mais diversas experiências que se pode imaginar, indo desde as práticas tradicionais autoritárias a suposta ou parcial conquista de liberdade democrática pedagógica apresentada pela sonhada escola libertária de Paulo Freire. Esse cenário nos apresenta muitas situações adversas, variadas mudanças e reflexões ocorridas, até o alcançado momento de construção, considerada por alguns pensadores até meio contraditória, mas que fazem parte da jornada épica e profissional de muitos professores, às vezes intitulados educadores e/ou formadores que constroem a história da Educação em nosso país.

Nesse tocante, acredito que minha trajetória pessoal e profissional, mostra o quanto a educação exerce papel fundamental na vida do cidadão, pois eu, sendo mulher, negra e pobre, historicamente estaria condenada a trabalhos subalternos, porém foi através da educação que pude conquistar espaços pouco prováveis para uma pessoa nessas condições. Portanto, esse cenário me conduziu ao seguinte questionamento: de que forma a educação pode transformar a realidade de pessoas socialmente excluídas? Quais fatores podem influenciar na ascensão dessas pessoas?

Ciente deste fato, o presente Memorial de Carreira Profissional intitulado **“Educação como Prática de Liberdade: Reflexões das Lutas e Conquistas de uma Educadora de Anapu”**, traz como proposta reflexões sobre minha trajetória de vida pessoal, escolar e profissional no município de Anapu, interior do Pará, discutindo alguns aspectos de minha vida assimilação de minha prática pedagógica presentes no discurso de Paulo Freire, percebidas ao longo da minha jornada educacional como professora e graduanda do curso de Pedagogia ofertado pelo programa PARFOR, através da Universidade Federal do Pará, turma de 2018.

Como metodologia, utilizarei uma pesquisa do tipo descritivo autobiográfica, que segundo Gil (2008) proporciona ao pesquisador descrever fatos e os relacionar com a temática abordada. Para tanto, será utilizada uma abordagem qualitativa, que de acordo com Minayo

(2001), este tipo de abordagem trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que neste caso servirão como fonte de reflexão sobre o tema escolhido. Para contemplar a temática utilizarei o gênero acadêmico Memorial, pois é gênero científico que permite e oportuniza o sujeito a se conectar com os fatos e lembranças e a resgatar memórias e vivências passadas, possibilitando ao autor refletir sobre suas conquistas e traçar objetivos. De acordo com Campos (2015, p. 23), diz que:

Memorial possibilita a inserção do sujeito não só no fazer do texto, mas também na temática, alocando-o na esfera construtiva do processo científico como um sujeito social. Além disso, o memorial poderá enriquecer o diálogo do sujeito com a sua área de atuação ou de estudo, com o próprio currículo, uma vez que ajuda na visualização do importante papel social, histórico e cultural que esse sujeito, aluno ou não, representa para o conjunto de sentidos construídos nas trajetórias vivenciadas, já que é caminhando que se faz o caminho.

É necessário pedir que o leitor/leitora prepare sua atenção e compreensão para vivenciar o relato aqui discorrido, pois o mesmo se constitui a narrativa de uma trajetória rica de desafios, experiências, situações que embora se apresentem, por vezes controversas, foram vivenciadas e cheias de aprendizado que, analisadas ainda que em caráter de recordação reacendem reflexões e a certeza de que muita coisa tem sido mais aprendida do que ensinada. Mas que ainda se tem muito a aprender.

## **CAPÍTULO I - A BASE DE TUDO**

### **1.1. APRESENTAÇÃO DA VIDA FAMILIAR**

Minhas origens estão enraizadas na árvore genealógica de um casamento entre um cearense e uma maranhense: José Antonio Gonzaga e Francisca da Silva Gonzaga. Meu nome de batismo é Ana Keline da Silva Gonzaga. Meu nascimento aconteceu num belo dia de terça-feira, no dia 19 de julho de 1977, na cidade de Coelho Neto, município brasileiro localizado no estado do Maranhão, região Nordeste do Brasil.

Cheguei na família ocupando a posição de segunda filha numa prole de quatro irmãos: minha irmã mais velha, chamada Ana Lourdes (1966), eu - Ana Keline (1977), meu irmão Cleyton Alan (1980) e a irmã caçula chamada Ana Carla (1984).

Passei toda a minha infância numa modesta e agradável casa de seis cômodos (sala, cozinha, banheiro e 3 quartos), na localidade chamada Pimenteiras, uma pequena vila operária onde moramos até o ano de 1986. (ver figura 01)

Figura 01: Visão aérea de Vila Pimenteiras / Coelho Neto – MA.



Fonte: Blog do João Osório / 2018

Não tenho receio em dizer que fui criada no seio de uma família humilde, tendo pai e mãe analfabetos, pessoas de boa índole, honestas e muito trabalhadoras. O meu pai, seu “Zé Ontoin”, não sabia ler, nem escrever. Nem sequer assinava o próprio nome. Trabalhava de sol a sol como caseiro/jardineiro na casa de um rico empresário municipal, Dr. Antonio José, herdeiro do extinto Grupo Industrial João Santos (G.I.J.S.), dono das empresas Itapagé e Itajubara, empresas de importância local na produção de açúcar e celulose e oferta de trabalho aos cidadãos desta localidade.

Quando criança, devaneios infantis, eu chegava a pensar que meu pai e o seu patrão tinham algum parentesco ou eram irmãos, tanto pela semelhança física, pelos nomes parecidos: Papai se chamava José Antonio e o patrão era Antonio José; além disso, a liberdade de acesso que eu tinha quando chegava onde Papai trabalhava, alimentavam minha imaginação. A casa do seu patrão era um lugar maravilhoso, uma casa enorme com um pátio imenso, área em volta da casa e piscina. Ficava perto da escola em que eu estudava, um condomínio com acesso exclusivo à escola para os filhos dos sócios e funcionários importantes da empresa. A única restrição que meu pai me proibia de ir era quando o patrão estivesse por lá, pois ele visitava as filiais de suas empresas periodicamente.

Minha mãe era uma verdadeira guerreira. Mulher de fibra e temperamento forte. Até frequentou a escola poucas vezes, mas não teve tempo de aprender ler, nem escrever. Mas se orgulhava de ter ao menos aprendido a assinar o próprio nome. Segundo ela, a vida não lhe proporcionou tempo, nem condições financeiras para frequentar a escola, pois precisava trabalhar para ajudar no sustento dos irmãos que eram numerosos. No entanto, isso nunca foi empecilho que a impedisse de enfrentar os desafios da vida, pois era uma mulher muito despachada, tinha iniciativa, cheia de atitudes e experiências colecionadas pelas dificuldades enfrentadas na juventude.

Quando ela casou com meu pai, já era mãe solo. Uma vez ou outra, ela nos relatava sua história, o que sofreu e os momentos constrangedores causados pelo preconceito e rejeição naquela época por causa de sua situação, pois, conforme a educação familiar da época, o mínimo de honra que uma mulher deveria ter na vida, mesmo depois de sair da casa dos pais, era se casar. A situação se tornava ainda mais crítica, caso esta se tornasse “mãe solteira”.

No entanto, independente de tais relatos, a memória que mais presente que tenho dela é sempre de uma mulher muito corajosa, dedicada ao trabalho e ambiciosa em conquistar sua autonomia financeira e uma vida razoavelmente confortável, tentando de tudo um pouco para contribuir com as despesas do lar e manter a família que havia construído.

Quando eu estava perto dos três anos de idade, em 1980, nasceu meu irmão Cleyton e, em 1984, a caçula Ana Carla. Acredito que éramos uma família parcialmente estruturada financeiramente e feliz, nos padrões atuais seríamos considerados de baixa classe média. A casa onde morávamos não era luxuosa, mas era confortável, acolhedora. A preocupação primordial de minha mãe estava sempre voltada para o bem-estar, sustento, segurança e educação de seus quatro filhos. Ela dominava tanto a administração das finanças como a organização e educação familiar, dom natural que fazia com maestria e pulso firme. Nunca passamos fome, nem havia desperdícios.

Emocionalmente, minha mãe era uma genitora muito ciumenta dos filhos, tanto que nunca se permitiu em nos deixar sozinhos em casa, ou com qualquer pessoa que não pudesse dedicar sua extrema confiança. Até para visitar a casa da nossa avó (a mãe dela) ou outro parente qualquer, no bairro vizinho, não podíamos ir desacompanhados por alguém

responsável; talvez por ter a noção ou conhecido de perto a maldade de algumas pessoas do mundo. Não conheci meus avós paternos, nem mesmo tios ou primos.

A nossa vizinhança desse período do meu nascimento até os meus oito anos de idade tem um espaço pequeno, mas importante nas minhas recordações da infância, pois as minhas lembranças de boa convivência familiar, trazem as imagens dos bons relacionamentos da minha família com os nossos vizinhos. Apesar disso, minha mãe nunca gostou de nos deixar brincar nas “casas alheias”. Sempre foi muito desconfiada e cuidadosa, especialmente quando se tratava das “menina-mulher”, como ela chamava.

Apesar de amar, admirar e me espelhar atualmente na força de vontade da minha mãe, hoje falecida, meu mais forte exemplo de amor e afeto, era o “Papai”, meu amado pai, também falecido, mas de quem o guardo memórias de mimos e dengos por toda a vida. Eu o amava e ainda o amo em minhas lembranças. Eu era o xodó dele e ele era o meu, a pessoa que me dengou até grande, acalmando as minhas malcriações, me defendendo e protegendo de algumas surras da minha mãe. Toda vez que voltava do serviço, Papai sempre trazia um mimo, alguma guloseima, uma besteirinha que fosse para mim. Meus irmãos geralmente recebiam a atenção e os mimos exclusivos da nossa mãe. Mas eu era exclusividade dele.

No entanto, esses momentos, que eu concebia supremos, de família feliz foram interrompidos em meados do ano de 1987, quando meus pais, por insistência de minha mãe, decidiram mudar de residência, saindo da vila operária onde morávamos para morar na cidade sede do município de Coelho Neto, pois desempregada, ela precisava trabalhar. Inicialmente, ela teve a ideia de administrar um bar. Infelizmente, esse momento, foi um dos marcos e eventos a partir dos quais meus pais não conseguiram mais se entender, ocasionando a separação dos dois. Até os dias de hoje, ao lamentar essa parte da nossa história, nunca consegui compreender o real motivo que levou meus pais a se deixarem. Nunca os vi discutir, brigar, nem se agredir com palavras, nada. Mas se separaram. E ele se foi.

Daí em diante nossa vida mudou bastante. A qualidade de vida que não era luxuosa e a nossa suposta estabilidade, entrou em crise. Mas os prejuízos emocionais foram maiores, especialmente em mim, pois dentre os quatro filhos, todos os outros conseguiram reagir aparentemente com naturalidade, mas eu chorava e sentia muita falta do meu querido pai.

A situação de trabalho da minha mãe não deu certo por muito tempo, ela tentou segurar a onda para não faltar nosso sustento, mas nada funcionava ou durava. Frustrada por tantas decepções, ela resolveu que deveríamos mudar de cidade, ir embora.

A convite do nosso tio, irmão dela e, acredito que para superar o fim do relacionamento, minha mãe fez sua primeira viagem ao Pará, em 1989, para fazer um reconhecimento de território, logo em seguida voltou ao Maranhão para nos buscar e assim, nos mudamos vindo morar nesse estado.

Esse primeiro contato da nossa família aqui no Pará não foi muito promissor. Por inúmeros motivos minha mãe não conseguiu se adaptar neste lugar, por essa razão decidi que devíamos voltar ao Maranhão em menos de seis meses. Uma vez de volta ao antigo lar, os desafios pareciam ter ficado maiores e só continuavam a aumentar, pois além da região não oferecer muitos recursos econômicos, a situação de desemprego ficava pior, o que nos levou de volta ao Pará em 1992, dessa vez, em definitivo.

Nesse meio tempo, transitando dos onze aos treze anos, se eu comecei a apresentar comportamentos mais ousados que minha mãe chamava de rebeldia, estava atravessando a puberdade. Já gostava de namorar e namorava às escondidas porque minha mãe não me permitia ainda ter esse tipo de relacionamento. Fui uma adolescente tranquila, mas reagia com rispidez a certos tipos de repressão. Muita coisa mudou em minha vida após a separação dos meus pais e essas mudanças de cidade/estado, inclusive no campo da educação. Minhas notas escolares entraram em queda, perdi alguns anos de estudo que atrasaram minha conclusão do Ensino Fundamental, conforme narrarei neste relato. No entanto, não culpo ou não entendo se o rompimento do relacionamento dos meus pais teria alguma relação direta quanto a isso. Na verdade eu não saberia dizer.

Mas sei dizer que, de modo geral, e apesar das circunstâncias, tenho ótimas recordações da minha vida: momentos da infância, descobertas na adolescência e até mesmo nas frustrações da vida adulta iniciada. Fui uma criança feliz, recebi amor e carinho do meu pai, cuidado e a segurança da minha família e recebia correções disciplinares, como toda criança precisa e merece ter, compreendendo inclusive, que essas advertências contribuíram para a construção da consciência e o caráter que possuo atualmente. Fui uma criança, esperta e inteligente, às vezes sonsa, tive minhas coleguinhas na infância e raras amigas e

confidentes na adolescência. Brincava e brigava bastante com meus irmãos, coleguinhas e filhos dos vizinhos. Resumindo, fui uma menina normal para o meu tempo.

Uma peculiaridade que sempre fazia parte da minha vida na transição da puberdade e adolescência: gostava muito de ler. Na verdade, eu amava ler. E lia de tudo, mas inicialmente tinha preferência pelos gibis (Luluzinha, Turma da Mônica, Liga da Justiça, Almanaque do Tio Patinhas), lia os “bolso-livros” de *bang-bang* que meu avô me emprestava, as histórias de amor das coleções de romance “Julia, Bianca, Sabrina” entre outras, além dos livrinhos de Literatura de Cordel que meu tinha também emprestava para eu ler. Esse último às vezes era lido em voz alta quando minha mãe pedia pra ler para ela saber da história. Vale lembrando que não tínhamos eletricidade ainda na localidade, portanto televisão ou outro tipo de entretenimento estavam descartados.

Com o passar do tempo, a mente um pouco mais madura o contato com outras pessoas e uma professora de Língua Portuguesa que tinha uma estante de livros maravilhosos passei a ler obras de Machado de Assis (Dom Casmurro, Memórias Póstumas de Brás Cubas, Iaiá Garcia) e José de Alencar (Senhora, Lucíola, Iracema), entre outras obras e autores célebres que me fogem à lembrança. Eu adorava ler!

Hoje, mulher adulta e mais madura, devido ao surgimento de outras necessidades e responsabilidades, sem falar das novas formas de entretenimento e recursos tecnológicos da atualidade (como a Netflix, You Tube, novelas de época), quase não tenho tempo de ler mais esse tipo de obra para simples deleite.

Atualmente sou uma professora formada em Magistério pelo antigo e extinto curso intensivo de Magistério, Projeto Gavião (1997/2000), possuo uma graduação de Licenciatura Plena em Letras pela UFPA - Universidade Federal do Pará (2004/2008), uma Especialização no Ensino de Literatura pela Universidade Leonardo Da Vinci - UNIASSELVI (2012). Sou concursada pela Prefeitura Municipal de Anapu (desde 2001) e concursada pela Secretaria de Educação do Estado do Pará - SEDUC (desde 2018). Mãe de três filhos lindos, inteligentes, saudáveis e maravilhosos: Carla Cristina (22), Ana Heloísa (14) e João Pedro (13), que enchem meu coração de orgulho e minha vida de alegrias e conforto. Em 2020, encontrei o jovem Romário Aguiar, o amor da minha vida, que aceitou continuar essa jornada comigo e, em dezembro de 2021, decidimos oficializar nosso relacionamento nos casando. Em 2022,

realizando a conclusão de mais um sonho, iniciei a produção deste Memorial que encerra a graduação em Pedagogia pelo Programa PARFOR / UFPA, turma de 2018.

Apesar dos contratemplos e intempéries que surgiram ao longo da minha vida, considero-me uma pessoa digna e honesta, procurando sempre respeitar e honrar os valores transmitidos por meus pais e nossa família, tentando ensinar aos meus filhos (e às vezes, aos filhos dos outros), aquilo de bom que aprendi, sempre agradecida a Deus pela vida que tenho e pela família em que fui criada. Sou imensamente grata a meus pais por tudo que aprendi com eles, que, apesar de falecidos, estão eternizados na minha vida, fazem parte do DNA da minha história.

## **CAPITULO II: TRAJETÓRIA ESCOLAR**

### **2.1 -INGRESSO NA VIDA ESCOLAR**

Assim, para, [...] a elaboração de novos programas buscavam romper com concepções meramente assistencialistas. [...] propondo-lhes uma função pedagógica que enfatizasse o desenvolvimento linguístico e cognitivo das crianças [...] na Constituição de 1988, do reconhecimento da educação em creches e pré-escolas como um direito da criança e um dever do Estado a ser cumprido nos sistemas de ensino. SILVA & TAVARES (2016) APUD OLIVEIRA (2002, P. 115)

A educação de crianças pequenas nem sempre foi uma preocupação por parte do poder público, ganhando espaço após a partir da promulgação na legislação brasileira da Constituição Federal de 1988, reconhece-se que é um direito da criança o acesso à creche, sendo esta um espaço de conotação pedagógica.

Como meus primeiros passos na escola aconteceram antes da promulgação da Constituição, percebo que naquela época era bem diferente daquilo que observamos hoje, no entanto, desde muito cedo, a educação tem sido uma presença concreta e impactante em minha vida. Minha primeira memória da vida escolar me remete, com uma pequena margem de erro, ao ano de 1981, quando eu tinha em torno de 3 a 4 anos de idade. O prédio escolar era construído no mesmo conjunto habitacional que a empresa cedia para os seus funcionários morar. Meus pais eram operários nesta empresa. Minha mãe trabalhava na fábrica e papai, na casa do dono da fábrica. Os filhos, por extensão, tinham o direito de estudar nesse espaço que era exclusivo, particular.

Não tenho lembranças de eu ter frequentado e cursado um Pré-Escolar, na época, chamado de “Jardim de Infância”, na verdade nem sei se já existia essa modalidade de ensino. Eu fui inserida na vida escolar indo direto para uma turma de Alfabetização, fase em que nós tínhamos que aprender a escrever e reconhecer nossos nomes. A gente precisava conhecer e dominar o reconhecimento das letras do alfabeto, exercitando a cópia e leitura e, os algarismos de 0 a 9. Nesse tempo era adotado um exercício quase infinito, que hoje chamamos método de repetição. Também éramos obrigados a usar um caderno de caligrafia para aperfeiçoamento da letra, fazia parte do nosso material escolar obrigatório e, sinceramente, acredito que tinha resultados.

Figura 02: Modelo de atividade para caligrafia



Fonte: Imagem retirada da internet - 2023

A Cartilha de ABC e a Tabuada eram duas ferramentas fundamentais que não podiam faltar aos materiais didáticos de um aluno. Lembro-me das leituras do Alfabeto e do reconhecimento que deveríamos identificar e diferenciar as letras cursivas e “de prensa”. Aprendíamos a ler as famílias silábicas. Na Tabuada além dos cálculos de adição, subtração, multiplicação e divisão, havia a escrita e como se lia os algarismos romanos.

Não lembro o exato nome da escolinha na época, só que a chamavam “Grupo Escolar” ou “Clube das Mães” e a minha primeira professora era chamada Maria do Socorro, a “Tia Socorro”, uma mulher esbelta, pele morena clara, cabelo preto, curtinho, bonita, mas às vezes, perdia a paciência conosco e soltava o berro xingando a gente para fazermos silêncio.

Era uma boa professora, me ensinou a conhecer e ler o alfabeto. Aprendi a ler em uma cartilha de alfabetização, pela técnica do “ba-be-bi-bo-bu”. Outras vezes, a gente tinha que ler a palavra inteira para então reconhecer as famílias silábicas.

Figura 03: Cartilha e Tabuada utilizada na escola da época.



Fonte: Imagem da internet - you tube.com. 2021

Numa de minhas lembranças muito distantes, consigo afirmar que a primeira palavra que consegui ler foi a palavra CAVALO. Via a gravura do animal, a palavra abaixo dela e as sílabas assim destacadas: CA-VA-LO / ca-va-lo, em maiúsculo e minúsculo. A partir daí precisava soletrar todas as sílabas presentes na palavra (CA-CE-CI-CO-CU / VA-VE-VI-VO-VU / LA-LE-LI-LO-LU), depois de realizar a leitura da palavra e de suas sílabas repetidas vezes, coletiva e individualmente, éramos conduzidos à leitura de outras palavras que possuísem as mesmas sílabas da palavra cavalo, caso contrário, levaríamos o castigo de receber palmatória na mão.

Interessante lembrar esse fato, pois recordando situações de teimosia e indisciplina na classe, algumas crianças, geralmente os meninos, recebiam variados tipos de castigo, como ficar de joelhos no chão, ficar de pé por algum tempo de frente para a turma ou, às vezes, para a parede. E quem sorrisse ou ficasse “mangando” dos colegas, poderia receber um “cascudo” ou levava puxão de orelha, além de ainda fazer companhia ao colega de castigo.

Errar as respostas dos exercícios também não era uma opção justificável e também rendiam castigos. Nossa professora entendia que, aquele ou aquela que errava sua tarefa significava que não havia prestado atenção. Eu mesma já recebi um castigo certa vez e tive

que ficar de frente para a parede por responder uma atividade errada, mas nunca fui posta de joelhos, nem castigada com agressão por desobediência.

Por incrível que isso possa parecer, tais agressões não aconteciam em segredo. Tudo o que a professora fazia era relatado às mães, durante as reuniões bimestrais. Ela contava os castigos e o motivo de tê-los aplicado a nós para as nossas mães e não era raro as mesmas autorizarem a professora a nos castigar quando bem entendesse que fosse necessário. No meu caso, quando minha mãe soube do castigo, fui para casa pendurada pela orelha e ainda levei uma surra de cipó em casa.

O prédio dessa escola não era grande, parecia uma casa comum, tinha apenas por uma sala de aula, uma cozinha/cantina e banheiro na parte de trás. A frente de acesso à sala de aula e cantina era pela lateral. Nossa sala era um cômodo grande em comprimento, tinha três mesas e três bancos grandes enfileirados.

Não era uma sala de aula esteticamente bonita, nem sequer era atrativa ou acolhedora como vemos nas salas de aula de hoje. Não havia cartazes, nem figuras nas paredes, nada perto dos recursos pedagógicos que vemos na atualidade. Apenas um quadro-negro comprido na frente, a mesa e cadeira da professora e, do seu lado esquerdo, um armário velho com livros.

FIGURA 04: Organização da sala de aula na década de 80



Fonte: Imagem da internet / Dreamtime - 2023

Nesse grupo escolar a única comemoração realizada com frequência era sobre o Dia das Mães, acredito que por esta razão o chamavam assim, Clube das Mães. Em raros momentos de datas comemorativas, os alunos que se comportassem poderiam participar de um passeio coletivo, uma excursão realizada nas proximidades da escola para onde iríamos em breve desde que nossos pais ainda fossem empregados da empresa proprietária da vila

onde morávamos. Porém, não era permitido entrar sequer no pátio da mesma. Só olhar através de um cercado de tela grossa. Depois dessa visita à distância, o ônibus coletivo que pertencia à empresa, nos levava a um local gramado onde fazíamos nosso piquenique, onde cada criança comeria o lanche que havia levado.

Nesse tempo, nossas aulas aconteciam em apenas um turno. Eu estudava pela manhã e tinha aulas de reforço à tarde com a mesma professora até que aprendêssemos a ler. Não sei dizer se nesse momento eu já gostava da escola, mas sei que aprendi a ler e escrever bem rápido, pois além desse estudo intenso, recebia reforço em casa, com a ajuda e cascudos da minha mãe ou da minha irmã que, apesar de não ter interesse em estudar sabia o básico para me ajudar naquele momento. Mas não sofri para aprender a ler e escrever. Estudei essa mesma série mais de uma vez, creio que duas, para consolidar o aprendizado da leitura, pois só havia promoção para outra escola quando se soubesse ler e escrever.

Se era ensinado e aprendíamos alguma coisa a respeito de outras matérias/disciplinas nesse período, nada me vem à memória no momento. Mas me lembro de que aprendíamos algumas atitudes básicas como cumprimentar as pessoas, respeitar pelos mais velhos e os nossos coleguinhas. Sempre que chegasse algum visitante tínhamos que ficar de pé e cantávamos algumas musiquinhas, tais como a saudação: “Bom dia, visitante como vai...”. A prioridade era aprender a ler e escrever.

No entanto, lembro-me de situações educacionais constrangedoras ocorridas nos dias das reuniões de “Pais e Mestres”, para discutir assuntos como atividades físicas, e momentos em que a professora falava de atitudes como higiene corporal, comportamento e as mães, inclusive a minha, expunham fatos constrangedores ou alguma coisa íntima, tais como a preguiça em tomar banho pela manhã, hábito de comer caquinha entre outras coisas de criança. O pior disso tudo, não bastasse o que já fora relatado até aqui, era que nessas reuniões periódicas, nós filhos e filhas deveríamos permanecer ao lado das nossas mães, ouvindo todos os relatos e reclamações da professora, passando vexame com os puxões de orelha e as promessas em público das surras quando chegasse em casa.

## **2.2 ENSINO FUNDAMENTAL**

O meu ingresso no Ensino Fundamental é meio obscuro, na verdade, não tenho recordações a respeito dos anos anteriores à minha 3ª série, (da 1ª e 2ª séries). As memórias são confusas, soltas. Dessa forma, apresentarei meu relato de experiência a partir da 3ª série,

período cursado no ano de 1985. Porém, tenho certeza de que o meu Ensino Fundamental foi iniciado na mesma unidade escolar, Escola Maria Regueira dos Santos, instituição particular localizada em Coelho Neto, pertencente ao mesmo proprietário do grupo escolar da minha Alfabetização e dono da empresa em que meu pai e minha mãe trabalhavam, o Grupo Industrial João Santos – G.I.J.S.

Figura 05: Vista frontal da E. M. R. S. em Coelho Neto - MA.



Fonte: IBGE -1983, In climaonline.com.br

A Escola Maria Regueira dos Santos era, e, segundo levantamento de informações, continua sendo uma unidade escolar que desfruta de um conceito de “ensino de excelência”. A mesma conta com grande estrutura física, possuindo mais de 20 salas de aula, biblioteca, laboratórios, auditório, quadra de esportes, refeitório, quadras de esportes e educação física, salas administrativas de direção, coordenação pedagógica, sala dos professores, banheiros, enfim, um sonho de escola (para alunos e professores), de acordo com a nossa concepção, embora fragmentada, de escola ideal.

Desde 1985, quando tive meu primeiro acesso a essa realidade escolar, a mesma já se apresentava muito completa, uma novidade para esse tempo e localidade além de ofertar ensino nas modalidades de Jardim de Infância, 1º e 2º graus (atual Ensino Fundamental e Ensino Médio).

Seu corpo técnico, administrativo e docente era constituído por muitos profissionais, muito formais e devidamente uniformizados. Não sei dizer se todos os professores e professoras daquele período eram formados com alguma graduação, porém as recordações me mostram que todos eram profissionais preparados em conhecimento, em relação a sua área de atuação

disciplinar. Manifestavam atitudes de acesso limitado com a maioria dos alunos, não eram acessíveis como vemos frequentemente nas escolas da atualidade, eram sempre muito reservados, polidos, uniformizados, as mulheres maquiadas, cabelos presos num penteado padrão e bonitas. Nós, alunos e alunas, também seguíamos o padrão uniformizado. Era um orgulho pertencer a essa escola.

Figura 06: Brasão da E.M.R.S.



Fonte: Imagem do facebook da escola – 2018

Na primeira semana de aulas, tenho a recordação de sermos recebidos na escola com a presença de todos os funcionários da servente à diretora, principalmente os professores da escola, enfileirados, vestidos na farda da escola e sorridentes. Depois de todos os alunos terem entrado no espaço da escola, portão fechado, as professoras se dirigiam às salas de aula para ajudar os pais quanto à localização e identificação das crianças e suas turmas. Uma lista como nossos nomes eram colocadas nas paredes. Mesmo no primeiro dia de aula nós ficávamos as quatro horas de aula para conhecer a equipe e os professores que dariam aulas para nós. Já na 3º série, era habito escrever para a professora de Comunicação e Expressão uma redação que sempre era intitulada “Minhas férias”. E devíamos ler para a turma toda ouvir.

Nossos livros didáticos e os tecidos utilizados para fazer nossos uniformes eram comprados e deixados na escola pela própria empresa para ser entregue aos alunos. Até o tecido já era recortado sob medida para levarmos às costureiras que confeccionariam nossos uniformes: os meninos usavam camisa social de cor bege com calças compridas em linho cor de vinho e, as meninas, camisa do mesmo tecido e modelo, com a parte de baixo sendo nas opções de saia para as garotas evangélicas e short-saia para as demais. As famílias se responsabilizariam pela confecção do uniforme e aquisição do restante da indumentária como as meias na cor branca brancas e os tênis pretos, as antigas “congas”. O prazo para que toda a uniformização dos alunos estivesse pronta era um pouco apertado, porém deveria ser obedecido pois, chegando a data definida, aqueles que não tivessem prontos, não teriam acesso ao ambiente escolar, deixando portanto, de frequentar as aulas.

Figura 07: Tênis escolar exigido aos alunos - Conga



Fonte: outrashistórias.com.br/anos 80 e 90

Inicial e inocentemente, eu achava que esse material era doado, distribuído gratuitamente aos alunos da escola, só mais tarde entendi que seu pagamento era realizado através de descontos da remuneração dos nossos pais. Ainda assim, era considerado um privilégio muito grande estudar ali, tanto pela questão de qualidade de ensino que superava em muitos aspectos o ensino da rede pública, quanto pelo suposto *status*, que acompanhava quem era reconhecido como aluno daquela instituição de ensino na época.

Entretanto, é necessário enfatizar que a preocupação pedagógica da escola em efetivar um ensino de qualidade para os parâmetros da época era levada muito a sério pela equipe da escola. Não tínhamos tempo para brincadeiras fúteis, nem enrolação na sala de aula. As reuniões de “Pais e Mestres” aconteciam com frequência rigorosa, assim como as cobranças pelo acompanhamento da família nas atividades e rendimento escolar dos filhos ali matriculados.

Desde as séries iniciais recebíamos vários livros: Comunicação e Expressão (atual Língua Portuguesa), Matemática, Estudos Sociais (eu amava esse) e Ciências, e tínhamos a responsabilidade de encapar e zelar pela conservação dos mesmos. Havia aulas de Educação Artística e Educação Física. Desde a 3ª série eu tive a experiência de estudar com professores diferentes de acordo com a matéria. O nosso professor de Educação Física, um senhor chamado Cícero, era um homem rude, alto, magro, negro, pernas cambotas e malvado. Lembro-me de uma aula em que tínhamos que pular corda com um espaguete de cadeira (o famoso macarrão). Na minha vez de pular ele acelerou a batida da corda, famosa “pimentinha”, o macarrão acertou minhas pernas e eu caí no chão. Os colegas se divertiam,

rindo às minhas custas. Eu ficava constrangida, chorava tanto pelas lapadas nas pernas quanto pela vergonha. Mas o castigo de que sorrisse era passar pela mesma situação.

Não sei dizer se isso se enquadraria na categoria do que hoje chamamos de *bullying*, maus tratos, abuso de poder, pois quase todos os alunos estavam sujeitos a passar pela mesma situação, além disso, nesse tempo ninguém tinha noção do que poderia ou não acontecer na escola, não se tinha noção sobre a quem e o que reclamar ou denunciar, não existia isso. Pelo menos não no meu universo de conhecimentos. Além disso, diga-se de passagem, vivia numa época em que o uso da palmatória havia deixado de ser usada há muito pouco tempo.

Fora isso, e ainda analisando a questão relacionada e só direcionada aos resultados obtidos, geralmente bons, o ensino dessa escola era excelente. As professoras eram sempre muito polidas conosco, acho que a palavra mais adequada seria formais, neutras. Sempre entrávamos em fila na escola. Todas as segundas-feiras éramos conduzidos as salas de aula para deixar os nossos materiais e voltávamos ao pátio principal para ainda em fileiras, cantar hinos para o hasteamento das bandeiras.

Às vezes cantávamos o Hino Nacional, Hino da Bandeira, Hino da Proclamação da República, do Município de Coelho Neto, do Estado do Maranhão e até da Escola. Os alunos da tarde faziam o mesmo para o seu recolhimento.

Apesar de o nosso relacionamento como os nossos professores se manterem muito no campo da formalidade, a gente não deixava de nutrir algum afeto, bem-querer, um carinho por um ou outro profissional com quem simpatizávamos. Tive colegas que viviam apaixonados pelas professoras e as meninas, pelos professores. Até eu vivi esse tipo de paixão platônica por um professor de Educação Física também, chamávamo-lo de “deus grego”.

Mas eu amava mesmo era as aulas de Comunicação e Expressão, e por extensão acabava me identificando com todas as minhas professoras dessa matéria. Na 3ª série gostei muito de uma em particular: a “Tia Francisca”. Acho que me identificava com ela em vários aspectos, principalmente pelo fato de ela ser negra. Ela era bonita e muito simpática e parecia também gostar de mim, me achava inteligente. Era paciente, tranquila, voz suave. Nunca a vi brigar ou alterar a voz com a turma.

Certa vez, não consigo me recordar o motivo, mas ela me convidou para almoçar na casa dela no final de semana. Senti-me privilegiada, pois fui a única aluna a receber esse convite de uma professora. Pelo menos eu acredito nisso. Ela falou com meus pais (ainda estavam casados e juntos) e eles permitiram. Conheci a família dela, seu marido e dois filhos. Brincamos o dia inteiro. Foi uma experiência marcante, inicialmente tive até um choque, pois

achava que todas as professoras da escola eram ricas, teriam casas luxuosas, mas a partir desse contato fui percebendo que a maioria delas era gente humilde, simples operárias, como a minha família. De tardezinha, Papai foi me buscar para casa.

No entanto, isso não me decepcionou, pelo contrário, foi uma experiência muito boa e marcante que trago comigo, para minha prática profissional até hoje. Não sei explicar qual foi o objetivo dela ao fazer isso, mas serviu para me dar um pouco mais de segurança nas aulas, pois eu sempre fui muito tímida, aprendia facilmente, mas não me sentia à vontade para me expressar, mas nem por isso me tornei atrevida em suas aulas.

Apesar dessa experiência de conhecer um pouco da vida de uma de minhas professoras, eu ainda mantinha certa reserva e distância com a professora de Matemática, “Tia Nadir”, a considerava muito áspera, quase nunca sorria; além de alimentar um medo terrível da professora de Ciências, “Tia Marinice”, achava que esta última não simpatizava muito comigo por causa da minha cor de pele ou por saber que eu era pobre, que só estudava ali por causa do trabalho do meu pai.

No meio desse mesmo ano meus pais se separaram e, apesar de algumas dificuldades econômicas eu e meus dois irmãos mais novos conseguimos concluir o ano letivo e sermos aprovados. Passei para a 4ª série, mas tivemos que sair da escola, pois minha mãe resolveu viajar de mudança para o Pará. Mudamo-nos exatamente para esta localidade onde vivo até os dias de hoje: Anapu, antigamente, Vila Anapu. Chegando aqui uma das primeiras atitudes da nossa mãe foi nos matricular na escolinha da vila. Ela sempre foi muito preocupada com a nossa vida escolar. Dizia que isso era a única coisa que ela tinha para nos dar e que ninguém tiraria de nós. Comecei a estudar a 4º série, aqui nesta mesma escola onde hoje trabalho e meus filhos estudam: Escola Maria das Dores. Anapu era apenas uma vila. Tinha no máximo vinte (20) moradores espalhados no pequeno perímetro que considerávamos urbano, mas era tão especial! Foi uma mudança e tanto. Tive certa resistência para conseguir novas amizades devido a minha timidez.

Nessa nova realidade o Governo (não sei dizer se era por determinação de uma política federal, estadual ou municipal), distribuía aos alunos um kit de materiais didáticos contendo lápis, borracha, régua, cadernos pequenos de brochura, às vezes uma cartilha e uma tabuada. Não havia distribuição de livros didáticos para cada aluno, só o da professora, por isso tudo o que era conteúdo e atividade deveria ser copiado do quadro-negro.

Acredito que, pelo fato de ter uma base de aprendizado desenvolvida numa escola particular, tive algum destaque dentre os demais que me caracterizavam como “inteligente”,

lia bem, desenvolvia minhas atividades com capricho, lia bem, tinha a caligrafia elogiada por todas as professoras e pelos colegas com quem estudava, tanto que, várias vezes era a escolhida para escrever no quadro por elas. Isso foi me atribuindo mais segurança, me deixando mais desinibida e elevando ao nível de popular, *status* que eu nunca tinha conquistado e, talvez jamais conquistaria na outra escola. Naquele momento eu não tinha essa percepção, mas saía da posição anônima de filha de empregado favorecida com bolsa de estudos para a aluna mais inteligente da turma de uma escola pública.

A respeito do novo corpo docente com quem me deparei nessa nova realidade, recordo-me de alguns casos peculiares, marcantes, mesmo assim peculiares. Minha primeira professora aqui em Anapu se chamava Luzia, era uma moça bonita, já aparentava na casa dos 30. Não sei se ela morava em Altamira ou Pacajá, pois ela viva transitando entre as duas cidades e sempre trazia com ela uma amiga com quem ela conversava sobre suas conquistas amorosas, até mesmo em sala de aula. Os alunos faziam suas atividades, mas como menino é bicho curioso, também ficávamos atentos às conversas das duas. Quando entravam em algum assunto mais picante, ela me deixava copiando a tarefa no quadro para os colegas e iam conversar lá fora, debaixo do extinto pé de jaca, o *point* da fofoca da escola. Em algumas situações, nós alunos, éramos escolhidos, não sei por quais critérios, para levar recadinhos, bilhetes aos *crushs* de uma ou de outra e isso nos atribuía internamente e mediante aos colegas, uma posição de confidente da professora.

Elas eram legais. Não sei por qual razão, apenas imagino que por inexperiência ou preguiça, a professora gostava mais das atividades práticas do que ficar copiando exercício no quadro. Fazíamos muitos jogos e brincadeiras e, foi nesse tempo que aprendi a brincar de bandeirinha e de queimada.

Numa de suas aulas, depois de receber uma reclamação da secretária da escola que na época era a autoridade escolar presente, por causa do excesso de jogos, ela se sentiu na obrigação de trazer uma novidade para a sala de aula, um experimento de Ciências muito interessante que nos deixou admirados, não recordo o título do assunto, mas ela nos deixava colocar um balão na boca de uma garrafa de vidro, de refrigerante Coca-Cola, e segurava a mesma dentro de uma panela com água fervente. O ar quente acumulado dentro da garrafa fazia com que o balão inflasse. Foi uma sensação! Também só lembro disso, e os jogos de queimada na frente da escola.

Como a comunidade não se sentia à vontade com a postura delas, por serem, segundo eles, “namoradeiras demais”, pediram que ela fosse substituída, coisa que ela, pelo que eu

entendi, não lamentou em atender, pois parecia até sentir alívio em deixar esse lugar isolado demais para seu estilo de vida.

A turma foi rapidamente assumida por outra professora, dona Inês, uma senhora mais velha, casada, mãe de família, formada, segundo ela, pelo antigo curso de Normalista, em Goiás que havia chegado há pouco tempo para o nosso lugarejo. Era uma senhora energética, firme, mas também era atenciosa, doce como as mães geralmente são. Sabia ensinar, explicar as atividades. Gostava da gente. Minhas notas eram sempre muito boas e altas, (no estilo 8,5/9,0/10,0), me mãe se enchia de orgulho. Eu tinha certeza que passaria de ano direto. Porém, o destino (e minha mãe) tomariam decisões que mudaria nossos sonhos e começaria a afetar, mais uma vez, minha vida escolar.

Conforme eu já devo ter informado, nossa vinda para Anapu, em 1988, aconteceu em busca de melhoria de vida. Porém, minha mãe viu-se muito preocupada com a nossa situação financeira, pois inicialmente esse lugar era um sonho de tranquilidade, ao mesmo tempo em que seu isolamento do resto do mundo não oferecia opções de renda, não tinha mercado de trabalho. Ou era roça, pesca, caça ou nada. Ela já tinha sofrido demais na sua infância e juventude com esse tipo de labor, mas após ter parcialmente experimentado uma vida com mais conforto no casamento não queria esse tipo de vida para ela nem para os filhos, então se entusiasmou por um trabalho mais promissor que tinha vagas abertas e estava no auge: os garimpos de extração e mineração de ouro. Mas não podia viajar com os filhos para esse tipo de lugar totalmente desconhecido por ela e sem familiares.

Ficamos morando com a minha irmã mais velha, grávida e já envolvida num relacionamento. Como já falei anteriormente não era muito dada aos estudos. Estudou no máximo até a 2ª série e, não bastasse sua dificuldade de aprendizagem sem acompanhamento, foi envolvida numa situação de agressão na escola, originada por práticas de *bullying*, de uma colega que ocasionou em agressão seguida de seu abandono escolar. Um parêntese para uma pequena memória aqui: recordo-me de minha mãe uma vez correr atrás dela com uma vassoura na mão fazendo com que ela voltasse ao ponto de ônibus para ir a escola, mas ela só contornou o quarteirão. Nunca mais quis saber de estudar. Por essa razão, desde cedo ela cuidava da casa e assumia o papel de cuidar de nós, a babá dos irmãos mais novos.

O período em que minha mãe veio ao Pará fazer uma sondagem da região, minha irmã namoradeira encontrou um rapaz ainda lá no Maranhão, por quem ela se apaixonou e engravidou da minha sobrinha mais velha. Quando chegamos aqui em Anapu, ela teve a menininha, (hoje minha colega de curso), conheceu o homem que até hoje é seu marido e

foram viver juntos. Então, confiando nos cuidados dela e do marido, minha mãe viajou para o garimpo chamado Crepurizinho, em Itaituba, deixando eu e mais dois irmãos na responsabilidade do casal.

Foi aí que, pouco tempo depois, minha irmã recebeu um recado de nossa mãe que foi distorcido pelo mensageiro, para que ela mandasse meu irmão e eu, de volta para o Maranhão, em pleno curso de ano letivo, para que nosso pai cuidasse de nós. Esse retorno bagunçaria mais uma vez a nossa vida escolar, minha e do meu irmão, pois passaríamos uma média de três meses sem estudar nem fazer nada de produtivo na vida além de vagabundear pelo mundo, nem ficamos com o nosso pai, fomos parar na casa da Vovó que já tinha muitas preocupações com ela e seus filhos. Vivíamos soltos. Ao retornar do garimpo, aborrecida com o rumo que as coisas tinham tomado, nossa mãe incumbiu nosso tio, seu irmão, de nos buscar de volta com urgência. No meio desse vai-e-volta, a viagem foi um luxo, voltamos de trem com todo conforto e tranquilidade. De volta, nossa mãe tentou fazer com que continuássemos a estudar, recuperar as faltas registradas, mas segundo a diretora da época, a já falecida “Raimundinha da EMATER”, não valia mais a pena, pois com a inflexibilidade do sistema, só a quantidade de faltas registradas já garantia nossa reprovação, apesar das boas notas obtidas serem satisfatórias.

Foi desanimador e frustrante, pois apesar das experiências ociosas, sempre gostei de estudar e nunca havia reprovado na minha vida. Ocorreu então a primeira reprovação e decepção escolar da minha vida. Ainda mais quando a professora revelou que pelas notas eu estaria aprovada, mas a diretora não aceitou que as faltas fossem abonadas, fosse o motivo que fosse, não aceitou as justificativas.

No ano seguinte, o jeito foi ser rematriculados na mesma série e estudar “tudo de novo”, mas dessa vez conseguimos estudar todo o ano letivo e sermos aprovados. Não tenho muitas lembranças desse período, exceto das campanhas de higiene em que essa diretora realizava a inspeção de piolho e jogava um veneno em pó na cabeça de que tivesse as pestinhas. No entanto, tivemos que arrumar as malas, pois minha mãe decidira voltar para a cidade natal mais uma vez, mas o ano letivo foi concluído.

De volta ao Maranhão, comecei a estudar a 5ª série, aos 13 anos de idade, no ano de 1990, na mesma escola onde foi iniciada minha base escolar. De volta à minhas origens, agora vivendo a adolescência, voltei a frequentar as aulas no mesmo espaço escolar onde foi construída minha base escolar. Mas nessa minha nova percepção tudo havia mudado, muita gente nova e diferente, conseguia discernir os “filhinhos de papai” e “patricinhas” e os “puxa-

sacos” deles. Ainda havia muitos filhos de operários com eu, mas se achavam mais descolados, entrosados com os demais, populares.

Nesse momento da minha vida eu já tinha uma noção social da situação financeira da minha família e começava a entender os reflexos disso no micro espaço social encontrado neste ambiente escolar. Meu perfil se resumia ao de uma aluna inferior: negra, pobre, filha de pais separados que estudava numa escola particular graças à misericórdia e benevolência do patrão do meu pai. Acredito que a escola já adotava, embora fragmentado, o conceito que hoje conhecemos como inclusão social.

A minha breve convivência na realidade de uma escola pública onde estudava apenas quatro matérias: Português, Matemática, Ciências e Estudos Sociais com a mesma professora, colegas que carregava seu único caderno dentro de um saquinho plástico de açúcar, foi a mais intensa da minha vida escolar, pois me apresentou o lado real de outras vivências que até então desconhecia, me deu certa consciência sobre a diferença entre esses dois universos escolares, mas também me deu maturidade quanto ao reconhecimento de mim mesma como sujeito de volta a esse espaço conhecido, mas que se tornara num espaço social estranho.

Eram realidades absurdamente diferentes. Dessa vez, eu que outrora me saíra tão bem nas matérias de 3ª série dessa escola, deparei-me agora com um contexto escolar totalmente transformado, que apresentava um currículo extenso, acrescido de várias matérias como Inglês, Ecologia, Programas de Saúde, Ensino Religioso, Geografia, História, Educação Artística, Desenho Geométrico, Educação Moral e Cívica (E.M.C.), além de um caderno de Redação à parte, com textos iniciados que deveriam ter continuidade ou já continuados para darmos início, que eu adorava. Português, Matemática, Ciências e Estudos Sociais era moleza, mas agora havia uma montanha de livros. Uma montanha de novas disciplinas. E uma exigência de média mínima 7,0 para aprovação.

Nessa nova versão de experiência que tive tomei consciência de certos obstáculos e desafios que seriam enfrentados por nós desde o acesso a esse espaço escolar que começava com a exigência de uniformes completos entre outras situações. Certa vez, por exemplo, fiquei barrada no portão e mandada de volta para casa porque não estava usando meias que completavam o uniforme. Minha mãe comprava nossos materiais por etapas, era uma despesa alta para ela manter sozinha.

Conforme já relatado, reafirmo que o ensino desta instituição era considerado muito bom, senão o melhor já visto e avaliado por autoridades educacionais da localidade, no sentido de abordagem de temas, aquisição e uso de recursos e materiais didáticos excelentes,

atividades e experiências pedagógicas de ótima qualidade, aspectos que superam muitas práticas do ensino da rede pública que eu já tinha conhecido e ainda me deparo na realidade atual. Porém, observando hoje sob um ponto de vista mais analítico a sua concepção escolar na verdade a transforma ou qualifica mais como um espaço escolar excludente e segregador, pois apesar de acolher, oportunizar o ensino a filhos dos funcionários da empresa a que pertencia, nitidamente expressava diferenças no atendimento dado aos filhos de empresários, sócios ou funcionários de alto escalão da mesma. Esses eram reconhecidos, separados.

Além disso, analisando com mais clareza essa realidade sob o foco atual da evolução educacional, essa escola adotava metodologias de ensino bastante exigentes, porém rígidas e inflexíveis. Seu método avaliativo era muito rígido estruturado com perguntas e respostas objetivas e fixas que não permitiam a expressão da nossa opinião, promoviam desvalorização de uso dos termos próprios dos alunos se caracterizando assim, um ambiente seletivo e excludente. Porém, uma das práticas pedagógicas adotadas pela escola, o uso da regra de “apenas duas chances” não agradava a ninguém, inseria um senso de justiça por ser aplicada a todos, fossem ricos, fossem pobres, atingia aos filhos de sócios empresários ou filhos de simples empregados: tratava-se do fato de que se o aluno/aluna incorresse em duas reprovações seguidas, um ano após o outro, a família do mesmo receberia sua transferência para ir estudar em outra instituição. Ou seja, seria expulso da escola. A expressão dura era humilhante, mas justa para a época. Foi o que aconteceu comigo.

Creio que no período de minha promoção de estudos para a 5ª série, o retorno à nossa cidade de origem, a esperança pela reconciliação entre meus pais que não aconteceu, a entrada na adolescência entre muitas outras circunstâncias dificultaram o meu processo de assimilação de muitas situações não superadas em minha mente, causando uma confusão em nossas vidas que, mesmo sem perceber acabou abalando de certa forma o meu desempenho escolar, a ponto de eu reprovar vergonhosamente (dessa vez por minha culpa), em quase todas as disciplinas. Para se ter ideia da situação, minha média anual em Ensino Religioso foi de 2,5. Fui repreendida por minha mãe que já tinha sido advertida na coordenação pedagógica da escola. Porém, consciente dos altos e baixos enfrentados por ela e refletidos em nós, fui absolvida da prometida surra, fantasma perseguidor dos filhos não estudiosos.

No ano seguinte tive que repetir de série. Dessa vez, estava mais familiarizada com a escola, enturmada com alguns colegas, mas o estigma de “repetente” causava um obstáculo de acesso a algumas pessoas e até a alguns professores. A escola nos definia assim, era humilhante, pois todo mundo ali sabia que as turmas eram classificadas assim: turma “A” se

referiam aos novatos mais jovens, turma “C” aos novatos maiores, mas ainda na “idade ideal”, e a “B” para os alunos repetentes e deslocados, fora da “idade ideal”. E, para piorar alguns de nós ainda não eram fáceis. A escola não tolerava alunos baderneiros, briguentos, nem violentos. Mas estávamos com os hormônios à flor da pele, todo mundo louco para namorar, ser visto, querendo sair do anonimato. Eu não fui diferente, mas nunca me envolvia em badernas e brigas.

Nessa fase da vida eu já ajudava minha mãe em casa e ficava sendo a responsável quando ela saía para trabalhar. Minha mãe havia comprado uma casa num subúrbio recém-criado, muito longe do centro. Estudávamos à tarde. No período da manhã eu tinha a ocupação de limpar a casa, abastecer a casa buscando água numa lata na cabeça e estar pronta com meus irmãos antes das 12:00 horas para irmos a escola, pois era longe e íamos a pé. Nunca me lembro de estar cheirosa na escola nesse período, porém isso pouco importava, levava um vidrinho de amostra de perfumes para usar na escola. Nessa nova experiência conheci na escola duas coleguinhas que seriam minhas melhores amigas e moravam no mesmo bairro que eu. Combinamos um ponto de encontro para todos os dias irmos e voltávamos juntas. Era uma algazarra só, apesar do sol a pino. E, apesar das dificuldades, o meu desempenho escolar não foi prejudicado no início. Comecei a sofrer alguma rejeição aqui e ali por parte de alguns colegas porque eu morava no subúrbio, ia para a escola a pé e não era bonita, mas tive também boas amizades e me enturmava com algumas coleguinhas que, apesar de riquinhas eram gente boa e humilde. Curiosamente interessante, a rejeição que eu sofria vinha mais da parte dos colegas de classe que eram filhos de operários, empregados iguais ao meu pai.

Pouquíssimos professores se davam conta da situação ou demonstravam perceber ou se importar com isso. Tive uma professora de Educação Artística que era extremamente elitista. Se o aluno tivesse material didático para realizar as atividades propostas por ela, bem, se não tivesse, nota vermelha e ia para fora da sala para que a Coordenadora visse e buscasse para tomar providências. Sua atenção era exclusiva dos filhos dos ricos.

Já o nosso professor das disciplinas de Desenho Geométrico e História, era um ótimo professor, mas vivia faltando às aulas. Quando não estava bêbado, estava tomando todas. Certa vez, ele foi para a escola embriagado para aplicar uma prova de História. Após nos entregar as avaliações, colocou as duas pernas cruzadas sobre a mesa, os óculos escuros na cara e dormiu até o final do tempo de aula. Sabíamos da situação dele ali. Como ele já havia sido advertido anteriormente por causa de outro episódio, imagino que pelo mesmo problema,

não o vimos mais na escola depois disso. A professora de Educação Artística assumiu a disciplina dele desde então.

Restava-me a atenção da professora de Português, Rosângela, matéria em que sempre tive destaque, a de Inglês, professora Suely pelo meu bom desempenho, professor José Augusto, de E.M.C., o mais comunicativo com a turma e o professor de Educação Física, o galã da escola, Alby que, apesar de casado, percebi que tinha interesse em uma colega minha, aluna da turma. Eram os professores por quem mesmo, muito sendo formais, eu sentia alguma afinidade e empatia.

Entretanto e apesar de algumas dificuldades, reconheço que minhas atitudes como envolvimento com brincadeiras, algumas amizades nocivas e os namoricos escondidos da mãe, me distraíram bastante, tirando meu foco dos estudos, de tal forma que, no final do ano letivo, consegui me sair bem na maioria das matérias, mas ainda fiquei em Recuperação Final em duas (02) disciplinas cruciais: Matemática e Ecologia. Consegui recuperar Matemática com nove pontos (9,0), mas a outra me garantiu nova reprovação geral e, conseqüentemente, a expulsão da escola por não atingir 0,5 (cinco décimos), que necessitava para passar na matéria. A média geral mínima permitida como já informei era de 7,0 pontos. Tirei 6,5 (seis e meio).

Segundo algumas informações à distância levantadas para a produção deste trabalho, até a atualidade a Escola Maria Regueira dos Santos desfruta do conceito de unidade de ensino por excelência, acredito que tenha acompanhado a evolução no quadro geral da educação. Mas a minha história com ela tem encerramento nessa decepção de reprovação que, infelizmente teria continuidade em outros episódios de minha vida escolar, me assombrando até a finalização do Ensino Fundamental.

Como já foi mencionado, aos alunos que alcançassem o mérito de reprovar duas vezes em seguida era garantida a sua transferência automática da escola. Desse modo, no ano seguinte, não mais pertencendo a esta realidade, fui matriculada em outra unidade de ensino, dessa vez pertencente à rede pública, chamada Escola Municipal José Sarney. Não bastasse a vergonha de ser recebida e estigmatizada como uma ex-aluna da Escola Maria Regueira, expulsa por reprovação, no mundo dos mortais me identifiquei como saída do “anonimato total à celebridade fracassada”, ingressando numa realidade apresentada, até na atualidade a considero algo chocante, pois me deparei com uma realidade extremamente caótica, em que os alunos se comportavam, não é exagero meu, como selvagens, sem apresentar respeito pelos

professores e/ou pelos colegas, um prédio público estranho e depredado, material didático escasso, muitas aulas vagas, o resultado não seria outro: minha primeira evasão escolar.

Não deu, não consegui me adaptar a essa nova realidade e, com quase 14 anos de idade, me achei no direito de escolher parar de estudar. Abandonei a escola. Mas não foi um abandono total. Sentia falta da sala de aula. Então, ainda a tempo de recuperar o tempo perdido, quis estudar mais perto de casa, numa escola mais simples e aparentemente mais bagunçada, Escola Justino Bastos. Não deu muito certo, o que me levou à decisão de estudar no turno da noite. Dessa vez minha mãe deixou-me tomar a frente da situação de modo que, eu mesma fui procurar vaga em outra escola que me aceitasse. Foi a vez de conhecer a Escola Benedito Duarte. Ela só efetuou a matrícula. Compramos todo o material escolar necessário: caneta e caderno. Mas para ser sincera, não me recordo de ter pisado uma vez sequer nesta escola além do dia em que consegui confirmar a vaga para matrícula.

Em 1992, uma visita da minha irmã mais velha com seus dois filhos à nossa casa no Maranhão, provocou a nova decisão de minha mãe em voltarmos definitivamente ao estado do Pará. Nesse período, Anapu já estava de cara nova, havia crescido tanto em extensão quanto em número de população. Algumas empresas empreiteiras de construção de pontes e manutenção das estradas estavam alojadas aqui como, uma empresa terceirizada, Ipiranga, foi contratada para construção da ponte do rio Anapu, a estatal Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (antiga DNER atual DNIT), a Companhia Mineira de Construções e Pavimentação – CIMCOP S/A – Engenharia e Construções, além de outras que foram por aqui passando e/ou ficando, como madeireiras (Serraria Kopajá, atual Di Trento), o que significaria a movimentação econômica no mercado de trabalho anapuense e, conseqüentemente, a geração de empregos e renda.

Com essa garantia de uma vida econômica financeiramente mais estável, nossa família fixou raízes na localidade novamente, decidindo ficar permanentemente. Minha mãe foi contratada para trabalhar, ora em uma ora em outra empresa, eu era sua principal auxiliar. Voltei a estudar na Escola Maria das Dores que, mesmo ainda sendo administrada pela Secretaria de Educação de Pacajá, nesse período também já ofertava o ensino de 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> séries.

A partir dessa data já não tive mais conhecimento sobre a vida ou paradeiro da antiga e querida professora Inês. Foi embora. Por outro lado, a Escola Maria das Dores contava agora com um corpo docente maior e mais diversificado, equipe de gestão estruturada apenas na pessoa da diretora, a saudosa professora Maria José Santana e duas secretárias, que era sua filha e a mais antiga, hoje também professoras, serventes, um vigia.

A maioria dos nossos professores aqui da zona urbana tinha escolaridade apenas até a 8ª série, mas na zona rural de Anapu era só até a 4ª série mesmo, quando muito e, apenas uma pequena minoria era formada em áreas não adequadas para atuar em sala de aula, como a de Contabilidade, por exemplo. Por isso, todos eram identificados ou classificados como leigos.

Consegui estudar com esses professores e professoras que, se aperfeiçoavam à medida em que iam também adquirindo conhecimento em seus estudos, até quase o final da 7ª série. Ou seja, cursei e concluí a 5ª e a 6ª séries, alcançando boas notas e com louvor. Ao estudar a 7ª série, problemas familiares entre minha mãe e eu reservariam para mim outro desfecho na minha vida, pois quase no final do ano de 1995, o resultado de brigas, falta de diálogo, a rebeldia causada pelo que eu entendia ser falta de compreensão, me conduziu a realizar uma fuga de casa. Nesse mesmo período Anapu passava por um processo de Plebiscito em 1995, que no ano seguinte, 1996, o tornaria cidade, um município emancipado e independente de Pacajá.

Mas não fui muito longe. Alcei voo, aterrissei e me instalei no município de Novo Repartimento. Em três ou quatro meses de busca e ocupação num trabalho como empregada doméstica e babá de duas lindas meninas da mesma família, quase me consumiram o desejo plantando pela desistência e desesperança no sonho de voltar a estudar. Mas a imagem de ver vários jovens a caminho da escola reacendeu o sonho e provocou a saudade de estar na sala de aula, despertando em mim, o desejo de dar continuidade aos meus estudos.

Nesta nova fase da minha vida, entra em cena um personagem muito importante, meu saudoso e querido falecido avô, Luiz Buchudo, que Deus o tenha, a única pessoa que tinha conhecimento do meu paradeiro, pois ao conseguir segurar uma vaga na Escola José Cícero da Silva, a ajuda dele em me enviar a transferência escolar me garantiram efetivar minha matrícula e concluir o Ensino Fundamental numa turma mista de 7ª e 8ª série, modalidade chamada nesse período de “Supletivo”.

Essa fase de estudos foi uma experiência muito diferente e inovadora. As esperanças quase perdidas em concluir o Ensino Fundamental, tinham se reaproximado e tornadas realidade com essa novidade denominada Supletivo, creio que mais tarde seria conhecida por nós como EJA – Educação de Jovens e Adultos. Entretanto, era voltada só para adultos e jovens que já trabalhassem e para as séries de 5ª a 8ª séries. Além dessa novidade, nesse momento também já seria uma realidade estudar com profissionais formados em Magistério e cursistas graduandos em diversas áreas do Ensino Superior, o que era possível notar, embora

eu não tivesse uma visão crítica desenvolvida, mas através da diferença percebida na prática e discurso mais aprimorado dos profissionais desse período.

Pode-se afirmar que a metodologia pedagógica de alguns professores mostrava-se mais dinâmica pelo fato de abrir espaço para debates, a permissão de sair e voltar para a sala de aula antes do intervalo, socialização e discussão de assuntos extracurriculares, entre outros que a memória não consegue resgatar na íntegra.

Consegui concluir meu Fundamental aos 19 anos de idade, na Escola Municipal José Cícero da Silva, em Novo Repartimento-PA. Nossa turma de Supletivo não teve formatura. Acredito que poucos ou quase ninguém sequer compreendiam a importância e o significado desse ato solene para a época. Ou talvez, pelo fato de a maioria ser pessoas adultas, pais e mães de família que trabalhavam o dia inteiro e tinham outras prioridades. Além disso, formatura nesse tempo era um luxo dado a poucos. As aulas terminaram e pronto. E essa foi toda a minha (longa) trajetória escolar até a conclusão do Ensino Fundamental.

### **2.3 - ENSINO MÉDIO – CURSO INTENSIVO INTERVALAR: PROJETO GAVIÃO II**

Minha história de estudo e conclusão do Ensino Médio se deu de uma forma que poderíamos chamar de “acaso do destino”. Após um ano e meio vivendo longe de casa, como relatei anteriormente, a saudade de casa, da minha mãe e dos meus irmãos, conduziu-me de volta ao lar.

Os recados e pedidos de perdão para a família promoveram esse momento inicial que conduziria a esta reconciliação que, hoje considero uma ação divina com um destino certo a cumprir (predestinação?). Inicialmente fui acolhida com carinho, mas não demoraram a voltar os conflitos, pois minha mãe era muito energética, exigente me cobrava bastante e não deixava nada passar despercebido. Felizmente nesse período (re)encontrei alguém que, antes fora um amigo, conhecido próximo da nossa família que, nesse momento complicado tornou-se uma espécie de porto seguro, se tornando meu “namorado-marido”, e mais tarde viria a ser o pai da minha primogênita. Logo de cara decidimos morar juntos.

É preciso esclarecer a necessidade de realizar certas informações porque a minha formação e história de vida se cruzam simultaneamente, de forma quase indissociável.

Neste momento histórico da minha vida, Anapu já havia conquistado o *status* de município emancipado, (graças ao Plebiscito de 1996). População se encontrava em processo de crescimento e, conseqüentemente o aumento populacional viria acompanhado da presença de crianças e a procura por unidades escolar para atender à comunidade.

O atual crescimento e autonomia do município nesse momento histórico geraram a necessidade de criação e expansão das unidades escolares, assim como a contratação de corpo docente para atuação.

É preciso enfatizar que, assim como a história da humanidade é dinâmica, o campo educacional em escala nacional estava sofrendo mudanças. Mudanças essas em que até mesmo quem não fizesse parte do quadro funcional da Prefeitura seria capaz de perceber as mudanças, necessidades e exigências para atender a demanda municipal.

Não bastasse a necessidade funcional para atender essa demanda de crianças em várias localidades (mais salas, mais bairros e vicinais) precisando de escolas, havia ainda a preconização da Lei Federal que exigia a necessidade de ofertar uma educação de qualidade, baseada na formação e qualificação de professores e o envio destes a todos os setores do município para que nenhuma criança ficasse sem escola onde quer que esta estivesse.

No entanto, conforme sabe-se atualmente, uma das realidades mais latentes no Brasil nessa época, em pleno século XXI, era uma demanda de professores e professoras em pleno exercício da docência com uma precária escolaridade de ensino fundamental, quando muito, tinham 8ª série completo.

Nesse contexto, a Prefeitura Municipal de Anapu devidamente implantada e administrada por seu primeiro gestor municipal, o prefeito eleito Luís dos Reis de Carvalho, após a instauração administrativa e organização de suas Secretarias: de Administração, de Saúde, de Educação, entre outras, autorizou a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), a aderir, oferecer e ampliar a oferta de vagas de Magistério para ex-alunos locais e de regiões vizinhas, com Ensino Fundamental completo, que tivessem interesse em completar turmas e futuramente atuarem na Educação.

Nesse momento, sabendo que eu havia concluído o Ensino Fundamental e precisavam de candidatos para preenchimento de uma turma de Magistério, a Secretaria Municipal de Educação, que estava à procura de candidatos para fechar turma me encontrou e eu ingressei numa turma de Ensino Médio na modalidade intervalar, denominada de Projeto Gavião II. O curso teve duração de 1997 a 2000, aqui mesmo na sede de nosso município, porém sendo administrado pela Escola de Ensino Médio Dairce Pedrosa, em Altamira.

Nesse mesmo ano, 1997, ao encerrar o primeiro semestre do curso de Magistério, pela necessidade municipal em obter mão de obra qualificada ou se qualificando, tive a oportunidade de vivenciar minha primeira experiência profissional como professora da rede

pública de ensino fundamental. Fui contratada para trabalhar numa escola da zona rural, há 12 quilômetros da sede do município, atuando numa turma de multisseriado.

Apesar de os órgãos públicos governamentais apresentarem a preocupação em formação de profissionais para atuar na educação, muito preconceito foi desenvolvido por ocasião de sua estrutura fragmentada, o caráter intensivo, ao ponto de sermos estigmatizados pela formação alcançada através de um curso “imediatista”.

Entretanto, posso afirmar com propriedade que o curso de Magistério Projeto Gavião II, foi uma formação que me proporcionou um conhecimento efetivo e, apesar de ser em pequena escala, me ofereceu um suporte pedagógico bastante significativo e transformador de excelência, a nível acadêmico, o que me deu base para iniciar minha prática pedagógica no exercício da docência. Tivemos um excelente time de docentes, profissionais muito experientes e preparados, em sua maioria, docentes do quadro funcional da própria Universidade Federal do Pará (UFPA).

Passaram por nossas vidas profissionais de excelência que, me sinto honrada e peço permissão em mencionar alguns, como: Professora Felismina, José Olivani, Jandira Pedrosa, Afonso, Líliam, Rosângela, Edinaldo, entre outros, a quem peço perdão pelo esquecimento. Muita gente boa e articulada, criativa e comprometida com o projeto, mas também tivemos alguns casos mais autoritários, exigentes e, em certos momentos, até inflexíveis.

Apesar dos obstáculos e desafios, ora causados por nós discentes do curso, por ocasião de adaptação, dificuldades na assimilação do processo e de conteúdos de estudo, ora causados pela própria complexidade do aprendizado exigido no curso, considero que a minha aprendizagem inicial foi alcançada e construída de forma efetiva e produtiva na medida do possível. O curso foi desenvolvido em oito (08) semestres (distribuídos entre janeiro de 1997 a julho/agosto de 2000, abarcando, às vezes, os meses de janeiro até meados de março e julho até agosto).

Nossa formatura foi a realização de um sonho coletivo, acontecendo no dia 09 de dezembro de 2000, pois a maioria de nós sequer imaginava ter a oportunidade de concluir o Ensino Fundamental e, de repente, estávamos nos formando professores com Magistério. Foi um orgulho! Contamos com a presença neste evento solene apenas de um dos nossos professores e paraninfo da turma, Professor José Olivani Castelo Branco, representando as autoridades educacionais de Altamira – Pólo administrativo do curso.

Rememorando este fato da minha história, considero necessário ressaltar que, apesar de ter sido um curso intensivo, na opinião de críticos que se opunham ao reconhecimento do

mesmo como, frágil em alguns aspectos pela especificidade de sua estrutura, muitos aspectos do aprendizado que ainda me acompanham e ponho em prática na minha experiência profissional em sala de aula na atualidade foram adquiridos no decorrer desse período do Projeto Gavião II, e a interação das experiências vividas e socializadas com /entre os colegas de turma, hoje, colegas de trabalho. Ainda tenho comigo alguns materiais didáticos desse período, textos de autores e teóricos que foram marcantes a respeito das orientações de como trabalhar com as crianças, como atender os pais e mães de alunos, como entender o conceito e atender a comunidade local e escolar e, confesso ter dificuldade em me desapegar deles.

No entanto, apesar de essa parte da realização do sonho particular e coletivo ter-se concretizado, realidade alcançada com muito esforço e dificuldades, fomos alertados por nossos professores, mas não imaginávamos o grande desafio que ainda estaria por vir, voltado para a necessidade de capacitação e aprimoração profissional universitária, pois agora a exigência do Governo Federal estaria voltada para a necessidade urgente por professores graduados, com curso superior, e isso já era uma realidade constante no país, latente e muito próxima de nós.

No entanto, apesar dos pesares, às vezes me pego pensando e sentido saudades da época do Gavião, como chamávamos, dos trabalhos em grupo que nos matávamos para estudar e apresentar em três dias, das brincadeiras e peças pregadas aos colegas e até mesmo os debates e puxões de orelha dos professores quando pisávamos na bola por não conseguirmos compreender alguns textos científicos. Saudades.

## **CAPÍTULO III- TRAJETÓRIA PROFISSIONAL**

### **3.1- INICIANDO A VIDA PROFISSIONAL**

Minha vida profissional não foi iniciada assim numa data específica, programada, após a formação de um curso pré-estabelecido como os jovens de hoje fazem. Ela foi descoberta, construída. E ainda se encontra em construção ao longo dos anos, dos cursos de graduação realizados, das capacitações frequentadas, das experiências vividas e socializadas e, principalmente através do contato e momentos vivenciados junto aos corpos discentes (no plural mesmo) que tive e continuo tenho a oportunidade de conhecer e conviver.

Porém, a minha primeira experiência profissional ocorreu no 2º semestre de 1998, conforme mencionei anteriormente. Fui contratada e lotada pela Secretaria Municipal de Educação – SEMED, nesse tempo administrada pelo então professor Afonso Garcia, que

havia sido um dos meus professores no meu início de Ensino Fundamental, para trabalhar numa escola da Zona Rural, a 12 quilômetros da sede, na Vicinal da Cibrazém, atuando numa turma de multissérie, da 1ª ao 4ª séries, na Escola Municipal Caminho para o Futuro. Trabalhei de agosto a dezembro de 1998, depois retornei de março a abril de 1999. Nesse período, passávamos por alguns conflitos administrativos, era época de eleição municipal, houve uma troca de secretários e, por conseqüente troca de interesses políticos, fui demitida.

No entanto, a experiência vivenciada em trabalhar com uma turma multissérie, em escola de comunidade rural, foi um desafio inesquecível, pois até aquele momento eu não havia tido qualquer experiência profissional real nesta área, não havia cursos de capacitação no município, podia contar apenas com algumas teorias obtidas com o curso de Magistério do Projeto Gavião e, verdade seja dita, os cursos podem até nos preparar para qualquer desafio profissional, mas nunca conseguirão nem de longe imitar o impacto das experiências e vivências do que será vivido pessoalmente.

Aceitei a proposta, até porque a localidade não oferecia outra opção de trabalho, ou era o serviço público ou a casa dos outros. a comissão da Secretaria me levou à vicinal e fui apresentada à comunidade de pais dos alunos na sexta-feira e já começaria a trabalhar na segunda. E lá fui eu apenas com a cara e a coragem. Sinceramente, foi uma experiência extremamente impactante: simultaneamente incrível e horrível ao mesmo tempo. Quando recordo nos dias de hoje chego a me questionar como é que o sistema educacional permite a criação e funcionamento de turmas de multissérie naquelas condições, o que eu poderia ter feito diferente, enfim.

Nesse período, a escola funcionava à beira de uma estrada da vicinal. Era um barraco de palha, aberto na frente e nas laterais, o fundo fechado com talos de açaí onde se pendurava o quadro-negro. Possuía três filas de bancos e mesas compridas de madeira tiradas de qualquer jeito no motosserra, o piso era de chão, barro brabo. Tudo feito pelos moradores da comunidade em parceria com a Secretaria de Educação para ter um local onde seus filhos pudessem estudar. Parecia uma escola de brincadeira, dessas que a gente monta quando criança. Não havia divisórias de nada, apenas a sala de aula.

Ingressei na Educação no período da “vaca magra”, financiada pelo antigo FUNDEF - Fundo de Manutenção do Ensino Fundamental, e, como a Secretaria de Educação ainda passava por estruturação não havia sequer um transporte escolar de apoio, nem para levar a merenda ou material escolar didático para as escolas. Eu também não tinha transporte e, às vezes quando havia alguma sobra do salário mirradinho que eu ganhava, pagava o dono de

uma locadora de motos para me levar, igual aos serviços de moto taxistas. Mas quando não tinha dinheiro, cabia a mim, colocar os livros numa “boroça”, pacotes de merenda (chocolate, sopas, mingau), um pouco de roupas e enfrentava a estrada a pé, só eu e Deus. Era sofrido, mas também era uma aventura. Eu preferia encarar dessa forma. Pegava a estrada brincando de retirante em busca de uma vida melhor e ia embora.

Já aconteceu de, só depois que eu chegava na casa da família que era meu ponto de apoio, ficava sabendo dos problemas e perigos ocorridos na vicinal enquanto estava fora. Por duas vezes senti medo: uma delas foi quando ao chegar na casa da família fui informada com aquela admiração própria do povo da roça, de no mesmo saberem do vizinho foragido por ter abusado da enteada, uma adolescente da comunidade. Outra vez, pela surpresa de me verem chegar minutos depois de verem uma onça atravessando a estrada... Após esse último incidente decidi não ir mais a pé nem sozinha e, ao invés de passar a semana por lá, ficava por quinze a vinte dias.

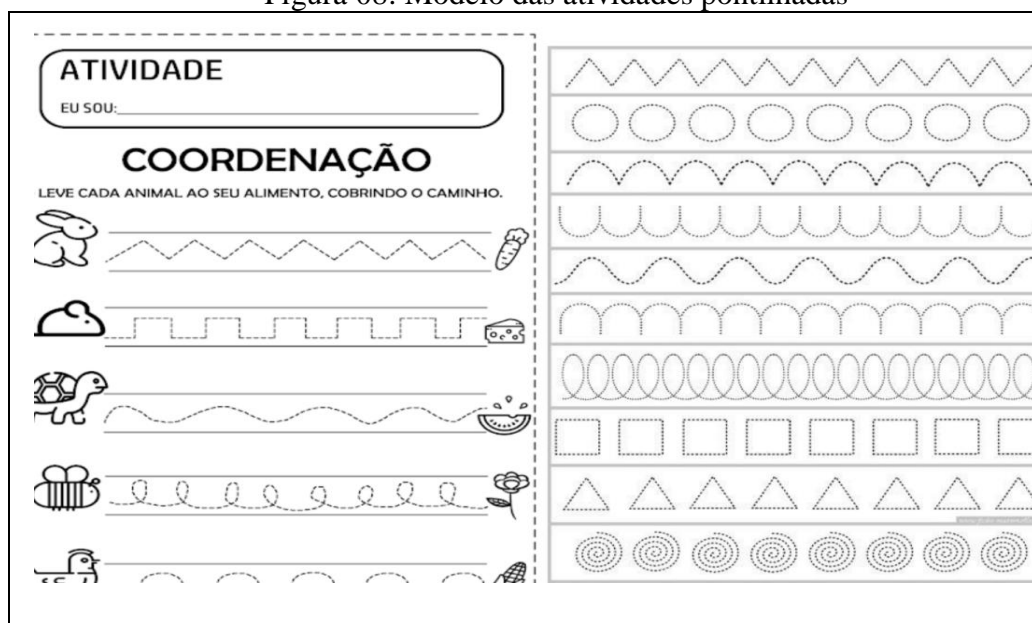
Mas enfim, sobre a minha função a que fui destinada realizar ali, ao chegar à comunidade, notei que fui acolhida com alguns sorrisos de satisfação, mas também olhares desconfiados. Fiquei hospedada na casa de uma família em que os pais tinham 04 dentre os 17 alunos matriculados. Era gente boa, acolhedora que me fizeram sentir à vontade muito rápido.

Trabalhar nessa escola foi um desafio sem precedentes. Entrar numa sala de aula, no meio do ano letivo, turma de multisseriado, crianças de seis a quatorze anos de idade, professora leiga, sem material didático adequado, sem apoio pedagógico da SEMED era algo trágico e mágico.

A aula era no período vespertino. No final do dia, ao encerrar a aula, me surpreendia ao constatar que algo tinha dado certo e avaliava o que precisava melhorar. Adotei o hábito de iniciar as aulas alternando, às vezes com uma oração, às vezes com uma musiquinha de acolhida para receber as crianças. Tinha uma preocupação recorrente em ter o cuidado para não magoar, nem falar nada que ofendesse alguém, mesmo que por acidente. Tudo o que acontecia na escola era levado aos pais pelas crianças. O que era positivo e negativo ao mesmo tempo: eu considerava positivo porque a maioria dos pais estava atenta e disponível a atender e participar de qualquer evento realizado na escola, fosse uma reunião, um mutirão, já o lado negativo disso, se dava pelo fato de qualquer informação ou ação entendida de forma equivocada, poderia ser mal interpretada, virara fofoca e provocar consequências desastrosas como eu tive o dissabor de vivenciar.

Pois bem, após a acolhida, eu conseguia realizar com alternância a aplicação de atividades para uma parte da turma, geralmente copiando do quadro que dividia ao meio escrevendo para as crianças que já sabiam ler e escrever, embora fosse com dificuldade. Dava preferência por assuntos e conteúdos, atividades e textos que pudessem ser apreciados por duas séries, como por exemplo, cópia, leitura e interpretação de texto, em Português, Adição e Subtração e Multiplicação, e, Matemática, para os alunos de 3ª e 4ª séries e, o estudo do Alfabeto, famílias silábicas; Os números e os algarismos, para os outros alunos de 1ª e 2ª séries. Mas aconteciam situações ainda mais intrigantes, como o caso de crianças que ainda nem sabiam segurar um lápis. Eu tinha que ajudá-las a desenvolver a sua coordenação motora com tarefas de tracinhos, desenhos e pinturas raramente copiados no extinto mimeógrafo e, até mesmo, modelagem de figuras com argila, já que não tínhamos a massa apropriada.

Figura 08: Modelo das atividades pontilhadas



Fonte: [www.pinterest.com](http://www.pinterest.com)

Não tenho certeza se devo mencionar, mas apesar das dificuldades, meu maior obstáculo e desafio que ocasionou o encerramento de minha contratação não foram originados por uma prática pedagógica mal aplicada na escola. Nem insatisfação por parte dos pais de alunos. Politicagem e oportunismo. Apesar disso, esse momento inicial da minha vida profissional foi marcante, especialmente pela oportunidade que tive de conhecer de perto algumas das inúmeras dificuldades existentes nas escolas de rede pública da zona rural. As crianças dali demonstravam verdadeiro encantamento e alegria quando podiam pegar e

folhear as páginas cheias de figuras dos livros didáticos que eu utilizava nas aulas, que eram raros.

O momento do recreio e da merenda era um evento à parte. Em certo momento da minha curta experiência nessa localidade, troquei o horário das aulas da tarde para o turno da manhã por conta própria, por tomar conhecimento do relato de algumas crianças que ansiavam pelo horário da aula só para receber a merenda, pois passavam o dia inteiro sem comida. Alguns iam descalços para a escola porque os pais tinham muitos filhos, mas não tinham dinheiro para comprar roupas e materiais didáticos para todos de uma mesma vez.

A situação mais assustadora vivida por mim, mencionada no quarto parágrafo deste tópico teve relação com uma atividade, correção e revisão para a realização das provas bimestrais. O exercício proposto teve uma questão elaborada de uma forma e, na avaliação foi elaborada na forma inversa. O aluno se atrapalhou e errou. Para se livrar de uma surra, pois o pai era muito grosseiro, o aluno me acusou, de ter trocado as questões da avaliação, pois segundo ele, estava acostumado a fazer provas em que as questões eram exatamente iguais às da atividade de revisão. O pai foi à escola toma satisfação e me ameaçar com um facão em punho, batendo na tábua que servia de mesa das crianças. Felizmente a maioria dos alunos já tinha ido para casa, mas a aflição foi resolvida ao final da conversa, pois consegui esclarecer a situação ao pai enfurecido que reconheceu a falha de interpretação do filho.

Questões menores e corriqueiras como já fiz referência causaram o final do meu contrato pela Secretaria de Educação, mas a experiência de trabalhar numa comunidade rural e com turmas mistas foi uma coisa única e inesquecível. A melhor parte disso tudo é sair com um saldo positivo sabendo que consegui ensinar alguma coisa para algumas crianças dessa escola. Foi uma emoção indescritível quando vi meu primeiro aluno lendo pela primeira vez. Porém, é preciso reconhecer que, o maior aprendizado ocorrido foi o que eu trouxe comigo, pois aprendi muito mais com elas e com suas famílias e a comunidade.

Abro um parêntese aqui para ressaltar uma informação: Preciso informar que nos anos de 1998 e 1999, embora ainda estivéssemos cursando o Magistério, foram realizados dois concursos públicos para provimentos de vagas e efetivação de servidores públicos em Anapu. Mesmo sem ter a formação de Magistério concluída, fomos orientados e encorajados a realizar as provas sob a promessa do gestor de enquadrar os professores assim que concluíssem o curso. No primeiro concurso fiz a prova e fui aprovada para o cargo de Agente Administrativo, mas nunca fui nomeada. No ano seguinte, 1999, fiz para o cargo de Professor

e também fui aprovada, mas apesar de ainda estar atuando na sala de aula, não consegui a nomeação na gestão em que os concursos foram realizados e que já se encerrava o mandato.

No ano seguinte, com a mudança de gestor municipal nas eleições de 2000 e consequente posse do prefeito eleito em 2001, o falecido senhor João Scarparo (popular João Paraná), fui contratada no início do ano para ministrar aulas de Língua Portuguesa em turmas de 5ª e 8ª séries, nos turnos da tarde e noite, no local em que eu sonhava ter a oportunidade de trabalhar: na Escola Maria das Dores. No decorrer do ano e, após um longo processo de organização, a assessoria jurídica da Prefeitura finalmente encontrou alguns documentos referentes aos concursos e realizou a nomeação de inúmeros servidores que ainda estavam pendentes desse ato. Fui convocada e nomeada em setembro de 2001. Curiosamente, eu tinha acabado de entrar em Licença Maternidade do contrato, pois minha filha havia nascido na penúltima semana de agosto e, como por lei as mulheres gestantes não poderiam ser demitidas, entrei de Licença Maternidade, mas nem consegui usufruir o momento com minha filha, pois fui obrigada a tomar posse do cargo sob pena de perder o concurso caso não retornasse às minhas funções imediatamente. Em 06 de setembro de 2001, tomei posse do cargo de professora e no dia 09, estava de volta à sala de aula. Minha filha havia nascido em 21 de agosto. Não tivemos qualquer tipo de sequelas por causa desse retorno imediato em estado de resguardo parturiente, apesar das situações singulares que sabemos ocorrer no cotidiano das escolas.

A partir daí minha vida profissional foi presentada com experiências únicas que me levaram ao amadurecimento e aprimoramento profissional. Em 2003, fui selecionada para participar por 15 dias, com outros voluntários e voluntárias de um treinamento pedagógico em Juazeiro na Bahia – BA. Financiado pela UNESCO e outras organizações, para atuar em turmas multidisciplinares de Alfabetização Solidária, o curso fazia o treinamento para atuar em turmas de jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de estudar ao longo da sua infância, creio eu que foi um tipo de experimento que mais tarde daria origem à atual modalidade de Educação para Jovens e Adultos do Ensino Fundamental (EJA). Era uma ação quase voluntária, salário simbólico por apenas seis (06) meses. Como não havia turmas o suficiente para todos os professores na rede municipal e a fim de evitar possíveis conflitos, a prioridade de carga horária das turmas regulares era dada aos professores veteranos. Como eu era a novata era direcionada a trabalhar com o que aparecesse. Como a experiência foi curta fiquei seis meses com salário super-reduzido, abaixo do valor mínimo nacional.

Daí em diante a minha vida passou a ser cheia de lutas. Por ainda estar cumprindo o Período Probatório, que durou três longos anos, era vigiada constantemente, pelos próprios colegas. E, apesar da minha paixão e bom desempenho no trabalho com Língua Portuguesa, tive que aceitar trabalhar com disciplinas com as quais eu não tinha habilidade ou a menor afinidade como: Artes, Estudos Amazônicos, Ensino Religioso e até mesmo Inglês para complementar a carga horária e ter um salário mais satisfatório.

Nos anos seguintes de 2002/2003, a categoria da educação iniciava aos poucos sua organização sindical. Entrava em cena o nosso acesso ao conhecimento de direitos através das assembleias realizadas pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Estado do Pará – SINTEPP. Ocasional e providencialmente, fui escolhida para fazer parte da primeira Coordenação Geral local, formada por apenas três professores, sendo eu, a escolhida para o papel de secretária da mesma. Pouco tempo depois esta composição sofreria alterações, pois o então professor eleitor coordenador geral do sindicato sairia para assumir o cargo de Secretário Municipal de Educação e, segundo o Estatuto do Sindicato, a pessoa na função de secretaria assumiria o cargo geral da coordenação.

Essa manobra do destino iria alterar profundamente a minha história de vida, qualificação e situação profissional. Nunca mais eu seria a mesma pessoa. Participando ativamente das discussões políticas sindicais tive a oportunidade única e intransferível de conhecer muita coisa que ia além dos debates por direitos trabalhistas de profissionais da educação, como assuntos relacionados à melhoria na qualidade de ensino, Políticas Públicas da Educação, leis orçamentárias da educação, LDB, entre tantas outras. Passei a ser cedida a carga horária de 100 horas/aula, ou seja, um período, para atuar como sindicalista representante da categoria, o que foi muito favorável, pois na ocasião de uma das viagens a Altamira para Formação Sindical, em 2004, tive conhecimento, na verdade, esbarrei com primeiro contato do Edital de Processo Seletivo Seriado PSS/2004 - Intervalar, divulgado pela UFPA, que me levaria à minha primeira graduação e na área que eu mais almejava: o curso de Letras, divulgado no antigo e extinto prédio das Farmácias Big Ben, na Avenida Djalma Dutra, em Altamira – PA.

Tenho a necessidade e responsabilidade moral de mencionar que, graças ao apoio e incentivo da assessoria jurídica do SINTEPP, Dra. Hellen Cristina e do Coordenador Geral desse período, Raimundo Oliveira, que concordaram em me emprestar o valor de pagar a inscrição e me ajudaram a preencher o formulário, realizei a minha inscrição, participei e consegui ser aprovada nas três fases avaliativas e realizei o sonho de ingressar no meu

primeiro curso de graduação, na área dos meus sonhos e na instituição de ensino superior de maior prestígio do Estado e região: Universidade Federal do Pará.

Depois da aprovação no PSS/2004, usufruí um curto período de reconhecimento profissional, fato que durou pouco tempo mesmo. No decorrer dos anos em que tinha que estudar, tornou-se um hábito da administração, na nova gestão municipal, fazer minha lotação como substituta de professoras em algum tipo de Licença, (Maternidade ou Prêmio), em turmas com crianças de 1ª série (E.F. 8 anos). Isso foi para mim um problema de proporção alarmante, posto que, não bastasse meu gosto pela disciplina específica de Língua Portuguesa, não tinha o menor jeito para lidar com crianças tão pequenas.

O desrespeito dos secretários municipais de educação e diretores escolares ao longo da minha jornada de trabalho pela minha aptidão profissional foi tão persistente que acabei perdendo espaço e abrindo mão de exigir ser lotada com a matéria para a qual estava me aperfeiçoando em uma universidade. Sentia-me perseguida, parecia estar sendo punida pela ousadia em buscar crescimento profissional, mas o prazer em estar galgando mais um degrau de conhecimento na minha vida era maior. A partir deste momento, eu até poderia receber alguma carga horária de Língua Portuguesa, Artes e/ou Ensino Religioso em minha lotação, mas a preferência da gestão era me ver lotada obrigatoriamente numa turma de Anos Iniciais e, de preferência uma de 1º ano.

Para efeito de esclarecimento, preciso informar que eu não tenho qualquer tipo de aversão a crianças pequenas. Pelo contrário. Gosto muito da forma inocente e sincera como as crianças se relacionam conosco. O grande problema que complicava a minha vida profissional se direciona ao fato de eu não me considerar qualificada, ter habilidades, a sensibilidade e ser incapaz de desenvolver e demonstrar carinho e afeto com os pequenos típicos de uma professora de “primário”. Eu era séria, durona, me considerava apta e preparada apenas para atuar em turmas de alunos maiores, adolescentes da 5ª a 8ª séries. E isso durou tanto tempo que ainda continua.

No entanto, em 2010, consegui enfim a minha tão sonhada defesa do Trabalho de Conclusão do Curso, finalizando assim, o curso de Letras, após o nascimento de meus outros dois filhos, Ana Heloísa (2008) e João Pedro (2009). Fiz a colação de grau e formatura em turmas mista, pois os colegas de turma haviam sido graduados na data certa, coisa que não consegui realizar por ocasião dos inúmeros problemas e desafios enfrentados no campo pessoal e profissional. O Diploma veio, porém, a desvalorização continuava tanto que nem minha progressão profissional e valorização remunerada garantidas pela Lei Municipal de

Cargos e Salários – PCCR/2011 foi cumprida. A exaustão e desgaste emocional me deixaram cansada de brigar. Dona de uma tímida maturidade alcançada e mais flexível em aceitar as decisões sem muito debate, me conformei em atuar em turmas dos Anos Iniciais, pedindo apenas a preferência por turmas de 4º e/ou 5º anos.

Em 2011, após ter em mãos meu diploma de nível superior, no mês de junho, graças a carência de profissionais da área, um movimento de greve na cidade e a ajuda e apoio de alguns amigos e parceiros (candidato e hoje ex-prefeito Batista), alcancei minha primeira realização profissional e melhoria de vida pessoal através do primeiro contrato temporário junto à SEDUC/PA – Secretaria Estadual de Educação para ministrar aulas de Arte e Língua Portuguesa em turmas de 1º ao 3º anos do Ensino Médio. O contrato iniciou para seis meses de atuação, mas acabou durando três longos e maravilhosos anos.

É incrível como essa valorização profissional obtida no contrato estadual provocaria um tipo de despeito com efeito de mais desvalorização na rede municipal, pois se de um lado eu tinha requisitos para atuar em Nível Médio, no setor em que eu era regularmente efetiva continuavam me enxergando apenas com uma professorinha com Magistério e sem competência para atuar na disciplina para a qual fui qualificada, pois continuaram me lotando apenas em turmas dos Anos Iniciais, apesar de saberem as dificuldades enfrentadas por mim.

Assim, continuei trabalhando no Ensino Médio de junho de 2011 a junho de 2014. Tentei fazer um Mestrado no Paraguai ainda em 2011, mas não consegui dar continuidade. Depois de um ano fora, retornei a mais um ano de contrato, em 2016. Finalmente, em 2018, a secretaria Estadual de Educação resolve abrir concurso público para provimentos de cargos, em que eu consigo aprovação, passando em 2º lugar para o cargo de professor de Língua Portuguesa.

Ainda em 2018, por ocasião de exigência federal em qualificar os profissionais em educação que atuavam nas turmas de Anos Iniciais apenas com Magistério ou atuando fora da área de formação, a Secretaria Municipal de Educação, em parceria com a Universidade Federal do Pará, formam duas turmas de graduação sendo uma de Licenciatura em Pedagogia e uma turma de Matemática, para atender professores e professoras leigos/as de Pacajá a Brasil Novo, sediadas aqui no município de Anapu. E foi então que, em 2018, não sei se por predestinação ou ironia do destino, pelo longo histórico de atuação em turmas de Anos Iniciais fui selecionada para ingressar na turma de pedagogia do PARFOR – Programa de Formação de Professores da Educação Básica e, mais uma vez minha vida recebe uma guinada.

Particularmente e, avaliando os resultados das experiências vividas ao longo dessa jornada profissional é preciso reconhecer a necessidade de procurar recursos que pudessem enriquecer minha prática pedagógica junto ao público ao qual insistiam e ainda insistem em me direcionar, pois apesar das dificuldades aqui confessadas, eu sempre entendi que trabalhar com turmas dos Anos Iniciais constitui-se algo mais complexo, muito além de ensinar as crianças a ler e escrever reconhecer números e calcular. Eu ansiava e precisava de conhecimento e estrutura pedagógica que me dessem bagagem mental, profissional e emocional para atender e me relacionar com as crianças que são postas sob a minha responsabilidade por 4 horas diárias, semanalmente ao longo de todo ano letivo.

## **CAPÍTULO IV – EM BUSCA DE MAIS CONHECIMENTO**

### **4.1 PARFOR – GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

Conforme havia mencionado anteriormente, em janeiro de 2019, iniciei uma experiência acadêmica no curso que seria o divisor de águas em minha vida: mais uma graduação, dessa vez, Licenciatura Plena em Pedagogia, ofertada em caráter intensivo intervalar, pelo Programa Nacional de Formação de Professores Paulo Freire: O PARFOR, através da Universidade Federal do Pará – UFPA.

O Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor) é uma ação da CAPES que visa contribuir para a adequação da formação inicial dos professores em serviço na rede pública de educação básica por meio da oferta de cursos de licenciatura correspondentes à área em que atuam. BRASIL, MEC. 2012

Instituído pelo governo federal em 2009, o PARFOR se constitui na atualidade um dos programas federais de maior importância na formação e capacitação de profissionais em magistério da rede pública do Brasil. Mais do que isso, se constituiu um ato governamental merecedor de respeito pela capacidade de oportunizar a esses profissionais que são verdadeiros guerreiros, desbravadores do ensino em localidades quase inacessíveis o direito de alcançar sua qualificação com o mínimo de burocracia exigida, obter acesso ao conhecimento, à graduação sem prejuízos da elitização que uma parte da sociedade capitalista tem exposto por anos à parte menos favorecida e trabalhadora do povo brasileiro.

Apesar de possuir uma graduação também obtida através dessa renomada instituição de ensino superior, a experiência de viver um curso de Pedagogia se tornou algo memorável e impossível de ser superada. Foram quatro anos de encontros semestrais pré-estabelecidos (janeiro e julho), em que 24 dos 25 acadêmicos e acadêmicas, selecionados/as, pois uma (01) desistiu, se encontrariam pontualmente para dar continuidade a esse desafio. Desafio este que teve sua cota de dificuldade dobrada quando se instaurou o período atípico de pandemia causado pela chegada surpresa da COVID-19, em 2019 e durou até 2020. Quase dois anos em que tivemos que realizar nossas atividades acadêmicas na modalidade remota, as famosas aulas on-line em que, particularmente para mim, foi muito difícil, pois apesar da ampla expansão dos recursos midiáticos, da suposta experiência por já ter uma graduação, senti dificuldade e tive prejuízo por não consegui acompanhar algumas disciplinas ministradas nessa modalidade, tendo que me adaptar e reinventar formas de aprender de acompanhar os colegas, o que por muitas vezes me fez relembrar e ressignificar a célebre frase de Guimarães Rosa (1908-1967), “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente, aprende”.

O PARFOR significa exatamente isso para a minha vida pessoal e profissional, pois a oportunidade de reviver e reinventar experiências tidas como certas, fazer e refazer verdades antes consideradas absolutas me dá a oportunidade de ser a pessoa e professora que eu quero ser: uma profissional mais gente, aberta a novas experiências, questionadora, mas também flexível e sempre disposta a aprender mais.

No início do curso, nos semestres de 2018, foi possível perceber que essa nova etapa da minha vida traria uma renovação de teorias, experiências e práticas que daria uma renovada na minha prática profissional.

O acesso ao conhecimento de legislações da educação, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB/9496, textos e discussões de teóricos especializados na orientação do ensino e aprendizagem de crianças, como Jean Piaget com sua teoria de desenvolvimento biológico; a teoria de interação social de Vygotsky e a construção de conhecimento com a formação do sujeito do ser humano de Paulo Freire, entre tantos outros autores que discutem amplamente os variados aspectos de desenvolvimento educacional humano, ampliaram em minha experiência profissional e pessoal a oportunidade de conhecer e melhor compreender o funcionamento da aprendizagem que me dessem a possibilidade de buscar e proporcionar uma prática diferenciada aos meus alunos.

A discussão sobre temas sobre o funcionamento e organização do espaço escolar, as leis orçamentárias que financiam a Educação Pública, Fundo Nacional de Manutenção do Ensino Fundamental - FUNDEF/1997 a 2006 e Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica - FUNDEB, fase provisória (2007-2020) e permanente (14.113/20), e como o Estado constitui os programas como FNDE, PNLD, assim como a preparação e formação de profissionais, abriram as portas para a exploração de novos horizontes, antes inimagináveis por mim, em minha limitada e anterior experiência profissional.

As leituras, discussões e socializações de textos e ideias com professores e professoras e colegas de turma, seja através de apresentações acadêmicas, seja através da dramatização de experiências reais práticas, trouxeram uma nova perspectiva a respeito da importância do efetivo ensino e aprendizagem tão buscados para uma prática pedagógica satisfatória em minha área de atuação.

Mas nem tudo foram flores neste curso. O período compreendido entre março de 2019 a julho de 2020, em especial, foram marcantes em minha vida, pois a ocupação simultânea com as atividades escolares que tiveram que ser realizadas on-line, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio e a realização de atividades para cumprir as propostas exigidas pela graduação, foram especialmente desgastantes ao ponto de me fazer desistir de algumas disciplinas, apesar da compreensão de professores (nem todos) e solidariedade de alguns colegas, o que me deixou com a pendência em (08) oito disciplinas que já foram solicitadas a reoferta e estou realizando as atividades propostas.

#### **4. 2 GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – O DESPERTAR DE SENSIBILIDADES**

Conforme eu já devo ter mencionado anteriormente, as experiências de mundo vividas por mim, sejam ocorridas em ambientes escolares enquanto aluna, ou no âmbito escolar enquanto profissional e na própria vida pessoal me levaram a desenvolver em mim um comportamento de sobrevivência ríspido baseado em autodefesa.

Tal situação observada sob um ponto de vista analítico não foi tão favorável, pelo fato de, por vezes as relações interpessoais se tornarem restritas e me tornarem colecionadora da opinião alheia com a caracterização de pessoa com poucos amigos.

Neste aspecto, preciso mencionar que nada foi fácil em minha vida. Nunca tive ninguém falando por mim, me defendendo ou reservando algo em prol de mim. Tudo foi conquistado com muitas lutas. Tive sim muitos desafios, muitas situações adversas em que minhas competências eram colocadas em dúvidas.

No campo profissional e nas minhas relações públicas de modo geral, me peguei por diversas vezes repetindo esse comportamento grosseiro, em especial com crianças e adolescentes que, na maioria das vezes traziam de casa seus próprios problemas e traumas.

Foi nesse momento da minha vida em que a maturidade acompanhada da observação de mundo me trouxe a reflexão de que uma formação acadêmica por si só não seria o suficiente para me transformar na pessoa profissional que eu admirava e queria ser. A necessidade de remodelar minha prática profissional, comportamentos pessoais, relações de modo geral, ou seja, transformar a identidade conhecida de modo a alcançar o modelo de sujeito que eu admirava e desejava ser foi favorecido com o meu ingresso na turma de Pedagogia do PARFOR. As aulas ministradas, as trocas de experiências, a convivência com os colegas, professores e os conceitos e discursos realizados no decorrer dessa jornada trouxeram para minha vida uma capacidade de evoluir que não provocou apenas uma mudança em mim. Na verdade, afirmo com plena convicção que essa experiência desenvolveu em mim uma capacidade evolutiva, mais humana e sensível, que me direciona a ver, compreender e apreender situações e pessoas respeitando e tentando compreender cada sujeito pelo jeito que ele é, na sua individualidade.

As vivências trocadas com os/as colegas, experiências de vida não apenas de trabalho o contato e depoimentos de pessoais reais das mais diversas realidades me confrontaram novamente com o meu passado e serviram particularmente em caráter satisfatório quanto ao caráter de projeção em que pretendo alcançar. Estudar tem disso, nos ensina a sonhar e a querer cada vez mais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educação e o Conhecimento são palavras que trazem em si conceitos abstratos e até mesmo vazios se não tivermos um olhar sensível ao contexto a que eles fazem parte. Por outro lado, mesmo isoladamente são elementos fundamentais para a construção da protagonização social pela riqueza e o papel que as constituem hoje sistemas sociais de uma política transformadora de grande importância para promover o desenvolvimento e construir a oportunidade de acesso aos indivíduos de uma sociedade.

Apesar de, por algum tempo, ter sido considerada como um produto de acesso a poucos privilegiados das camadas sociais monetariamente afortunadas, étnica e historicamente mais favorecidas, a democratização do ensino e mais do que isso, o acesso ao ensino superior garantido por bandeiras de lutas da sociedade têm concedido a muitos a ampliação, expansão do conhecimento, conseguindo torná-la atualmente um direito de fato garantido pela legislação federal, que nos proporciona a oportunidade de questionar, refletir, exigir e ir além daquilo que antes éramos permitidos apenas sonhar: o direito de cursar uma graduação.

A minha experiência de vida e jornada como estudante, acadêmica, cidadã e profissional da área da educação me proporcionam a construção da mulher independente que me tornei atualmente, trazendo comigo não apenas respostas de questionamentos rasos, por exemplo, sobre como funcionava a educação, como o entendimento de para que ela serve de fato, como pode ser transformada em ferramenta de libertação e empoderamento social. Hoje, minha curta, porém intensa trajetória profissional como professora, me proporciona a oportunidade de não apenas entender como a educação funciona, mas também a condições de testemunhar o poder dela como elemento transformador da realidade social.

O meu acesso ao conhecimento através dos longos anos de estudo, mas especialmente através da graduação pelo PARFOR e relacionamento com os demais colegas e docentes do curso me conduziram a uma visão e transformação social que me tiraram de um eminente futuro de pobreza social e vitimização das fatalidades da vida para a condição de mulher, negra, mãe solteira, sem apadrinhamentos políticos me conduzindo para um papel social em que me assumo como protagonista da minha história.

Embora já tenha passado por uma graduação e obtido uma especialização em área específica, o acesso ao curso de Pedagogia pelo Programa de Formação de Professores da

Educação Básica – PARFOR, ofertado pela Universidade Federal do Pará – UFPA, foi o divisor de águas em minha vida, enriquecendo ainda mais essa bagagem de protagonismo social ao proporcionar a oportunidade de conviver, socializar e absorver experiências de vida, vivências com pessoas tão singulares e especiais oriundas das mais diversas realidades que só acrescentaram mais conhecimento e despertaram ainda mais a necessidade de desenvolver o lado sensível, o aspecto humano que eu sempre busquei em mim, mas não tinha coragem de assumir, a busca pela capacidade de reconhecer e me transformar uma profissional mais humana. Isso é o que torna a Pedagogia o curso superior mais especial dentre as graduações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS. Camila Vieira da Silva. **Mulheres Negras, Opressões, Feminismo Negro e Entretenimento**. Serviço Social na Universidade Federal do Recôncavo. BA 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação de 1971** - Lei 5692/71 - Lei no 5.692, de 11 de agosto de 1971

\_\_\_\_\_. PARFOR - Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica. 1 de jan. de 2012 — **Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica**. acesso em 13/12/2022

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais/ Ensino Fundamental**. Brasília: MEC. 1997.

COMENIO. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DIETERICH, H. **Novo Guia para a Pesquisa Científica**. 1.ed. Blumenau: FURB, 1999.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. (Coleção Leitura).

FREITAS, J. B. Fernandes de. **Arte é Conhecimento, é Construção, é Expressão**. In: Revista Digital Art&. Ano III, Número 03, Abril de 2005. ISSN, 1806-2962, Disponível em: . Acesso em: 4 set.2008.

GADOTTI. Moacir. **A Escola e o Professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar/ Moacir Gadotti**.-1.ed.-São Paulo : Publisher Brasil, 2007.

LUCKESI, C. C. **Avaliação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1999.

MASETTO, M. T. **Didática: A Aula Como Centro**. 4.ed. São Paulo: FTD, 1997. (Aprender e Ensinar).

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena, **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

RIBEIRO, MATILDE. **Mulheres Negras: Uma Trajetória de Criatividade, Determinação E Organização** Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Movimentos Sociais – Nemos (PUC/SP). Estudos Feministas, Florianópolis. 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.